LAMPIÃO da esquina

Ano 1 — No. 5 — Outubro de 1978 — Cr$ 15,00

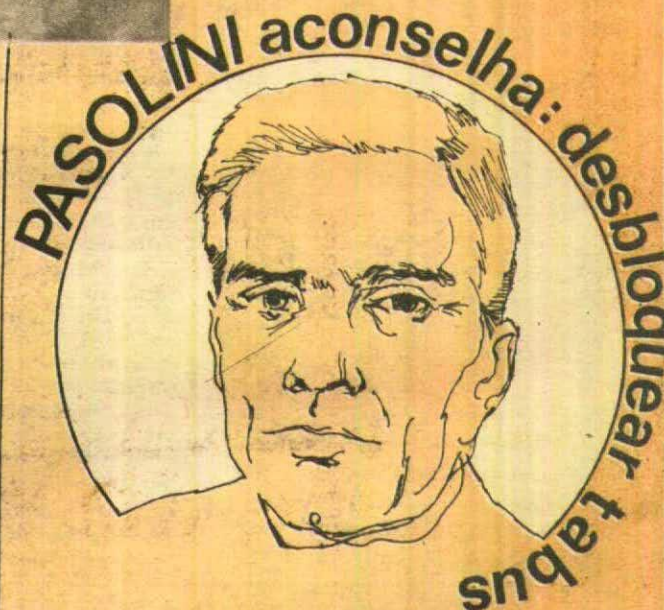
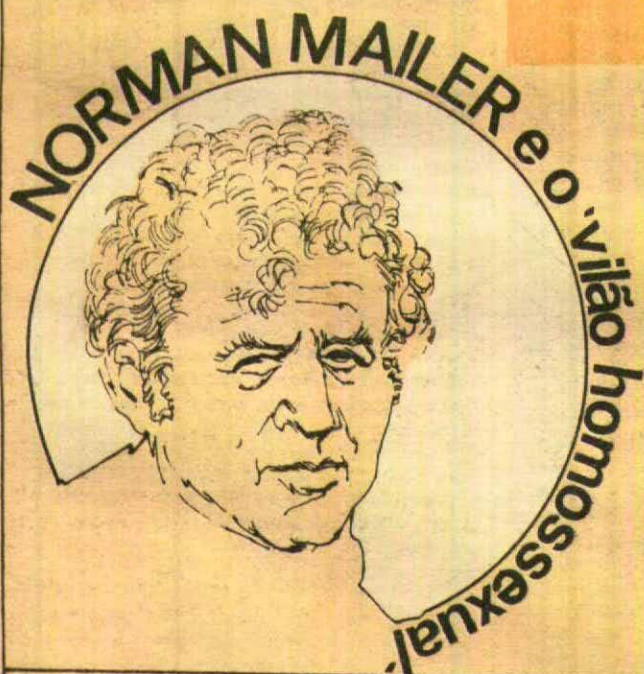
Leitura para maiores de 18 anos

CASSANDRA RIOS AINDA RESISTE

Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever

NORMAN MAILER e o 'vilão homossexual'

Fans de EMILINHA botam pra quebrar

PASOLINI aconselha: desbloquear tabus

Transexualismo: quem está no banco dos réus?

Violação: um estudo dedicado às mulheres

Nós também temos uma coluna social (p. 12)

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPO DIGNIDADE

LAMPIÃO

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores. Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito, José Fernandes Bastos, Regina Rito, Henrique Neiva, Leila Mícolis (Rio); José Pires Barroso Filho, Paulo Augusto, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Matoso, Celso Cúri, Caio Fernando Abreu, Jairo Ferreira, Edélcio Mostaço (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Beto Stodieck (Florianópolis); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stoltz (Curitiba).

Correspondente: Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armanc de Fluviá (Barcelona).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Regina Rito (Rio); Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Jó Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte Final: Gilberto Medeiros Rocha.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC: 29529856/0001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Endereço: Caixa Postal 41.031, CEP 20.241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento 189/203, Rio. **Distribuição,** Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição, 65/67. São Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Literarte; Florianópolis: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 180,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Desbloqueando o tabu

Pier Paolo Pasolini

Tradução de Clóvis Marques

Dois especialistas franceses escreveram um livro pedagógico sobre os homossexuais, destinado (o que é bastante utópico) a substituir nas bancas as obras análogas eróticas, comerciais, sencacionalistas, etc. É um livro que se apresenta como honesto, claro, completo, democrático e moderado; e, com efeito, o é. Contrariando meus hábitos de crítico (mas é evidente que não me faço aqui de crítico literário), começarei por alinhar uma série de citações particularmente eficazes para introduzir o leitor a um assunto que é sempre "tabu", como sustentam com razão os autores do livrinho, Daniel e Baudry.

1) "É portanto necessário, a qualquer preço, **desbloquear** o tabu. Já não vivemos — todos hão de convir — numa época em que os problemas dolorosos e delicados podiam ser silenciados ou abafados... Questões que por muito tempo foram proibidas, como a contracepção, o aborto, as relações sexuais entre adolescentes, são hoje objeto de programas de rádio e televisão, de pesquisas nos jornais. Seria exagero dizer que o mesmo acontece — pelo menos na França — com a homossexualidade."

2) "Uma curta fase de São Paulo, em sua **Epístola aos Efésios,** talvez esteja na origem de tudo: "Que não se dê sequer nome a estas coisas".

3) "Mesmo os órgãos de imprensa conhecidos por seu liberalismo e sua inteligência mantêm a este respeito uma atitude surpreendente e confomista."

4) "Em outras sociedades, muito embora se tenham libertado do cristianismo, a velha condenação religiosa, que estava excessiva e profundamente enraizada para desaparecer, tomou a forma de um falso racionalismo e conserva todo seu vigor; a União Soviética e Cuba têm leis severas contra os homossexuais, em nome da **defesa do povo** contra os vícios do capitalismo decadente."

5) "É significativo, a este respeito, que Hitler tenha enviado aos campos de concentração, para exterminá-las, três categorias minoritárias, com a mesma motivação de **salvaguarda da defesa da raça:** os judeus, os ciganos e os homossexuais, distinguidos por um triângulo rosa, eram objeto de tratamento particularmente abomináveis. (São estes, apesar de tudo, os únicos que, após a guerra, nunca tiveram direito a uma pensão.)" E ainda, podemos acrescentar, são os únicos para os quais as coisas continuaram essencialmente como antes, sem o menor sinal de qualquer forma de reabilitação.

6) "Em termos estatísticos, é portanto provável que, de quinze pessoas freqüentadas por nosso leitor, uma ao menos seja homossexual. É uma constatação que merece reflexão."

7) "... Não existe exemplo de jovens rapazes que, tendo sofrido violências sexuais, tenham permanecido homossexuais por causa destas violências. Supô-lo, mesmo por um instante, é um evidente absurdo. Pelo contrário, o traumatismo é tal que afasta para sempre da homossexualidade. A menos que a violência não tenha passado de uma pretensa violência e que o rapazinho, conscientemente ou não, tenha procurado o que lhe aconteceu."

8) "Nada permite afirmar, nem mesmo suspeitar, que exista a menor relação de causa a efeito entre homossexualidade e neurose: o vínculo, se existe, deve-se ao fato de que a condenação social de homossexualidade é geradora de neuroses."

9) "Os juízes freqüentemente dão provas de uma surpreendente indulgência em relação aos jovens acusados de terem brutalizado, ferido e às vezes mesmo assassinado um homossexual; como se, no fundo, pensasse: "É bem feito para ele. "Ao mesmo tempo, é freqüente que um homossexual acusado de algum delito se veja condenado pela simples razão de que, sendo homossexual, é culpado por definição."

10) "É necessário levar em conta uma reação inconsciente bem conhecida dos psicólogos: muitos daqueles que insultam os homossexuais são levados a isto apenas por sua recusa de admitir sua própria homossexualidade recalcada. Jean-Paul Sartre manifestou-se vigorosamente a este respeito: "Quanto àqueles que mais severamente condenam Genêt, estou convencido de que a homossexualidade é, neles, uma tentação constante e constantemente renegada, o objetivo de seu ódio mais profundo: estão felizes por detestá-la no outro, porque têm assim a possibilidade de desviar de si os olhares."

11) "O mundo da homossexualidade ou da droga (observem a aproximação significativa) nunca tem nada a ver com o movimento operário", declarou Pierre Juquin, membro do Comitê Central do PCF (**Le Nouvel Observateur,** 5-5-1972).

12) "... A felicidade de um quinze avos da humanidade não é uma questão de que nos possamos desinteressar de coração leve."

São doze citações ligadas ao sentido geral, ao mínimo e ao que se pode qualificar de evidente sobre este assunto: o "livrinho" de Daniel e Baudry não está todo aí. É uma obra de vulgarização, mas de caráter científico, e, portanto, complexo.

Eu teria, entretanto, uma série de observações a fazer (o leitor só poderá compreendê-las após ter lido o texto de que me ocupo — o que lhe recomendo calorosamente).

Minha primeira observação diz respeito a Freud. É sabido que somente a psicanálise é capaz de explicar o que é a homossexualidade. Mesmo Daniel e Baudry sabem disso: por um lado, no entanto, eles declaram baseando-se abusivamente no bom senso, sua insatisfação a respeito das explicações freudianas, e, por outro, apontam em Freud o principal culpado pela instituição da homossexualidade como "anormalidade" em relação a uma "normalidade" — a da sociedade burguesa — que Freud aceita passiva e talvez covardemente. Isto não me parece justo. Quando Freud diz "normalidade" (o resultado é sempre formal e esquemático), ele entende essencialmente com isto a "normalidade" como **ordo naturae** que não tem solução de continuidade na história, nem nas diferentes sociedades. Mesmo nas sociedades favoráveis à homossexualidade, a "normalidade" era a "médiá", ou seja, o comportamento suxual da maioria. "Anormalidade" é uma palavra como outra qualquer quando seu sentido é racional (e não positivo ou negativo).

Este "resto" de respeito pelas idéias do "mundo normal" que persiste em dois autores que, mesmo permanecendo moderados, aceitam no essencial o relatório "revolucionário" do FHAR (Front Homosexuel d'Action Révolucionaire), é igualmente demonstrado por um outro fato: eles condenam, quase chamando a indignação da maioria, a irresponsabilidade dos "pederastas libertinos" que exercem sua tendência erótica sobre os "efebos", os adolescentes no limiar da idade adulta. A acusação é sempre a mesma: leva-se assim a inclinar-se para a homossexualidade um adolescente incerto (bissexuado: nº 3 da escala de Kinsey). Mas isto contradiz tudo qeu os autores disseram. Pois se ele é efetivamente bissexuado, continuará de qualquer forma a sê-lo, e se, por pura hipótese, viesse a dar uma certa preferência à homossexualidade, **isto não seria um mal.**

Trata-se do seguinte: Daniel e Baudry tentam — acreditando sinceramente que a idéia é boa e eficaz em seus efeitos — inserir o problema da homossexualidade no contexto da tolerância nascente (existencialmente, na prática, já afirmada, ainda que as leis estejam, como sempre, atrasadas); uma tolerância que diz respeito às relações heterossexuais (anticoncepcionais, aborto, relações extramatrimoniais, divórcio — no que diz respeito à Itália — relacionamento sexual entre adolescentes). Em seguida, vinculam tudo isso ao problema (político) das minorias.

Pessoalmente, não acredito que a forma atual de tolerância seja real. Ela foi decidida "do alto": é a tolerância do poder do consumo, que tem necessidade de uma elasticidade formal absoluta nas "existências", para que todos se tornem bons consumidores. Uma sociedade sem preconceitos, livre, na qual os canais e as existências sexuais (heterossexuais) se multiplicam, e, **em conseqüência,** ávida de bens de consumo. Compreender e aceitar isto é certamente mais difícil para uma mentalidade liberal francesa do que para um progressista italiano, que sai do fascismo e de um tipo de sociedade agrícola e paleo-industrial, e que, portanto, se encontra "sem defesa" face a este monstruoso fenômeno. Formar um casal é **doravante,** para um jovem, não mais uma liberdade, mas uma obrigação, na medida em que ele tem medo de não estar à altura das liberdades que lhe são concedidas. Já não existe, assim, limite de idade.

Quero dizer com isto que Daniel e Baudry se enganam quando esperam que a tolerância inclua igualmente a homossexualidade entre seus objetivos: isto se verificaria se fosse o caso de uma tolerância real, conquistada de baixo. Mas se trata de uma falsa tolerância que é certamente o prelúdio a um período de intolerância e de racismo piores (ainda que menos **grandguignolescos**) que na época de Hitler. Por quê? Porque a **verdadeira** tolerância (que o poder fingiu assimilar e fazer sua) é o privilégio social das **elites** cultivadas, enquanto que as massas "populares" gozam hoje de uma horrível larva de tolerância, que lhes inculca uma intolerância e um fanatismo quase neurótico (o que outrora era característico da pequena-burguesia).

Assim, por exemplo, este livrinho de Daniel e Baudry só pode ser compreendido pelas **elites** cultivadas e portanto tolerantes: só elas podem talvez, já que não são afetadas, liberar-se do "tabu" que atinge a homossexualidade. As massas, em compensação, estão destinadas a acentuar ainda mais sua fobia bíblica, caso a tenham; se, pelo contrário, não a têm (como em Roma, na Itália meridional, na Sicília, nos países árabes), elas estão prontas a "abjurar" sua tolerância popular e tradicional para adotar a intolerância das massas formalmente evoluídas dos países burgueses gratificados com a tolerância.

Aqui, o discurso se torna político. Até mesmo o livrinho de Daniel e Baudry dedica algumas páginas ao "movimento político" da questão. Mas nelas a análise é dominada por uma forma de anticomunismo que, se é perfeitamente justificado a respeito da homossexualidade, é no entanto igualmente suspeito, porque faz parte do desejo ansioso de permanecer moderado e integrado que domina pateticamente toda esta obra. Mas a carência analítica de Daniel e Baudry a propósito da relação entre homossexualidade e política não deriva tanto de uma ideologia política discutível quanto de uma discutível ideologia a respeito da homossexualidade. Com efeito, resulta, pelo menos implicitamente, deste livro, que um homossexual ama ou faz o amor com outro homossexual. Ora, não é absolutamente o que acontece. Um homossexual, em geral (na grande maioria dos casos, pelo menos nos países mediterrâneos), ama e quer fazer o amor com um heterossexual disposto a uma experiência homossexual, mas cuja heterossexualidade não é em absoluto questionada. Ele deve ser "macho" (donde a falta de hostilidade pra com o heterossexual que aceita a relação sexual como simples experiência ou por interesse: com efeito, isto garante a sua heterossexualidade).

Como **único** fato político importante, Daniel e Baudry observam que não apenas os ricos e os burgueses são homossexuais, mas igualmente os operários e os pobres. A homossexualidade asseguraria portanto uma espécie de ecumenismo interclassista. A isto não falta importância, pois, de um ponto de vista de classe, isto faz da homossexualidade um problema universal e, portanto, inevitável. O marxismo que o desconsidera ou nega (além de tudo com desprezo) não é menos perigoso que aquele fascista francês que, no Parlamento, quis que se definisse a homossexualidade como um "flagelo social".

Mas não é isto que importa. É necessário buscar em outra parte o "momento político" da homossexualidade, e pouco importa que seja à margem, muito à margem da vida pública. Eu tomaria o exemplo do amor entre Maurice e Alec, no magnífico romance de Forster de 1914, e o do amor entre o operário e o estudante na igualmente magnífica (mas inédita) narrativa de Saba.

No primeiro caso, um homem da alta burguesia vive em seu amor pelo "corpo de Alec, um servidor, uma experiência excepcional: o 'conhecimento' da outra classe social. O mesmo acontece, mas em sentido inverso, com o operário e o estudantezinho de Trieste. A consciência de classe não basta, se não contém um "conhecimento" de classe (como eu dizia num antigo poema). Mas, além desta troca de "conhecimento de classe", prática mas também misteriosa, que a mim, e talvez só a mim, parece portadora de uma altíssima significação — eu oporia ao interclassismo de Daniel e Baudry, que qualifiquei de ecumênico, esta frase de Lênin (depois de 17) a propósito dos judeus: "A maioria dos judeus são operários, trabalhadores. São nossos irmãos oprimidos como nós pelo capital, são nossos camaradas... Os judeus ricos, como nossos ricos... oprimem, roubam os operários e semeiam entre eles a discórdia." Se pretendemos verdadeiramente devolver os homossexuais à "normalidade", eu não saberia indicar melhor maneira que a de Lênin a propósito dos judeus, a qual certamente não **abre** para uma falsa perspectiva de sociedade tolerante. De resto, Daniel e Baudry parecem ter esquecido aquela que é a mais alta resposta ideológica de um homossexual ao pogrom servil e feroz dos supostamente "normais", o suicídio do personagem homossexual do **Livro Branco** de Cocteau, que pôs fim a seus dias porque compreendera que era intolerável para um homem **ser tolerado.**

(**Tempo,** 26 de abril de 1974)

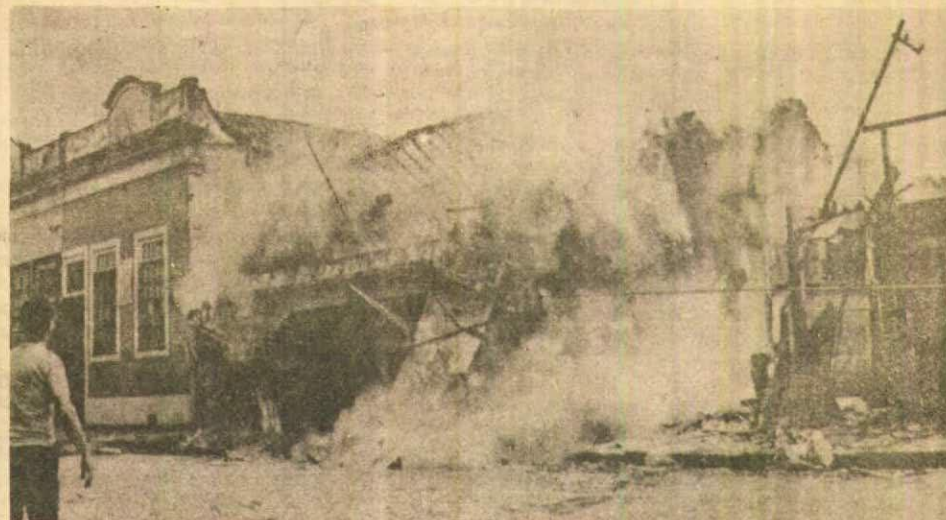
LAMPIÃO da Esquina

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

Tocaram fogo no Mangue

Velhas cadeiras e armários e muitas camas foram retirados das casas em ruínas do Mangue

O trabalho de demolição foi rápido. Em poucos minutos caíram duas casas de alvenaria

A operação durou apenas o tempo de uma manhã: mal as mulheres do turno das oito horas começaram a ocupar seus lugares às portas e janelas do Mangue, no Rio, no dia 12 de setembro, surgiram nas esquinas das ruas Júlio do Carmo e Machado Coelho os fiscais da Secretaria municipal de Fazenda e os soldados do 1º Batalhão da Polícia Militar e deram início ao trabalho. O objetivo inicial era "reprimir o comércio clandestino"; mas quando a **blitz** terminou já se sabia que este fora apenas um pretexto, pois, com o auxílio de 50 garis da Comlurb, eles aproveitaram a ocasião para derrubar várias casas de madeiras e duas de alvenaria.

Dalton Pinto de Souza, um rapaz que prefere ser chamado pelo nome de Vera Regina, foi a primeira vítima da operação policial: ao ver que os agentes da lei se aproximavam por todos os lados, apelou para a única arma que tinha às mãos — um papelote de cocaína; e foi preso em flagrante, quando tentava injetar a droga em suas veias. Os gritos de Vera Regina, que foi sumariamente jogado num **camburão**, provocaram um coro de protestos: de suas janelas, as mulheres vaiavam os policiais, enquanto estes davam proteção aos fiscais — que tratavam de perseguir os comerciantes clandestinos, e aos garis, que, com rapidez, derrubavam as casas e barracos.

Algumas mulheres agarravam-se às portas e janelas numa tentativa de evitar a demolição, mas eram logo retiradas do local e jogadas na rua. Muitas ainda vestiam seus uniformes de trabalho — calcinhas e sutiãs de cores berrantes —, enquanto outras, mais pudicas, e sem ter tempo de vestir as roupas que tinham deixado lá dentro, enrolavam-se discretamente em lençóis semeados de manchas suspeitas.

O Subsecretário da Fazenda, Horácio do Amaral, presente à zona conflagrada — ele era o chefe da operação —, a essa altura dava explicações aos jornalistas que, chamados não se sabe por quem, em poucos minutos acorreram ao local: "O objetivo da operação, como a que foi feita há um ano atrás, enquadra-se nas atribuições da Divisão Especial de Fiscalização: a repressão ao comércio clandestino, em bares sem alvarás ou licença, tabuleiros de vendedores ambulantes, estabelecimentos sem habite-se para o comércio, moradias ilegais e barracos em vias públicas". Sua explicação, no entanto, não satisfez os chamados **profissionais da imprensa**, porque estes sabiam que a operação realizada há um ano teve um motivo específico: é que o Prefeito, em suas andanças pela cidade, teve que passar numa das ruas do Mangue; e as mulheres, desobedecendo às ordens recebidas da polícia — tinham que ficar quietas e mudas, atrás dos **outdoors** que escondem a área, à sua passagem não resistiram: não apenas se deixaram ver por ele, como lhe endereçaram uma tremenda vaia.

Se a operação anterior teve um motivo específico, o que motivou essa nova investida contra a zona do Mangue? É sintomático que no dia anterior o metrô carioca tenha realizado sua primeira viagem, partindo exatamente da estação que fica próxima ao local: a próxima inauguração do metrô marcará o fim do último ciclo do Mangue, quando ele deixará de ser útil até mesmo aos operários da construção civil que se amontoam nos arredores para se tornar demasiado exposto. É preciso, portanto, retirá-lo definitivamente do local. Mas para onde?

Em meio à demolição de suas casas, as próprias mulheres que trabalham no local respondiam à pergunta. Zélia dos Santos, uma mulata de cabelos exoticamente louros, desafiou os policiais ao se debruçar no que restava de sua janela e gritar: "Estão nos expulsando daqui? Pois vamos todas pra Ipanema. E de calcinhas!" O desafio mereceu resposta imediata: ela foi encerrada no mesmo **camburão** em que Vera Regina — ouvia-se distintamente — estrebuchava.

Ao meio-dia, sob o olhar vigilante de uma turma de bombeiros, o resultado da operação era uma montanha de trastes — camas, cadeiras, armários, madeira dos barracos — que ardia em chamas. Algumas mulheres, ainda reunidas no meio da rua, continuavam a protestar, argumentando que o fogo destruía móveis que elas ainda poderiam utilizar nas casas que passariam a ocupar nas vizinhanças. Pois, acrescentaria uma delas se perguntada, sitiadas na zona conflagrada do Mangue há alguns anos, as mulheres que lá trabalham não se deixam vencer facilmente; antes que isso aconteça, elas pretendem travar, com os policiais e os costumes que as sitiam, uma batalha que será travada de casa em casa, até que, naquela área, não reste mais nada além de um monte de ruínas. Então, diremos por elas, começarão tudo outra vez, em outro lugar. Até que as coisas realmente mudem. (**Aguinaldo Silva**)

Dame (?) Brigitte Blair

Há certas pessoas que não distinguem franqueza de grossura. Isso acontece constantemente com a empresária Brigitte Blair. Desde a minha primeira tentativa de entrevistar Jorge Alves de Souza ou Georgia Bengston, (vide **LAMPIAO** n.º 4), que D. Brigitte colocou mil empecilhos: "Não pode fotografar durante o espetáculo, porque a imprensa só faz achincalhar os travestis e o teatro de revista. Veio um pessoal aqui, que queria fazer uma matéria sobre a glória do teatro de revista e na hora saiu publicado a decadência das revistas...".

Frente ao problema, resolvi fazer a entrevista e tirar as fotos, no camarim, enquanto Jorge/Georgia se maquilava. D . Brigitte fez o que pode para dissuadir Jorge de falar, mas não conseguiu. Depois da matéria publicada, resolvi ir ao teatro procurar por Jorge. De repente, sem ninguém esperar, vem D. Brigitte aos berros: "Quem você pensa que é? Não lhe conheço, não sei qual o seu nome e nem quero saber. Você está muito mal informada quanto ao salário de Jorge (ele ganhava quatro mil, agora ela o aumentou para quatro e quinhentos), e deveria fazer uma contabilidade melhor da bilheteria para não falar besteira. Tem mais uma coisa mocinha, pra falar no meu nome não é qualquer um não. Se você quiser mostro o meu **curriculum** pra você comparar com o seu, e garanto que não chega nem na metade. Faça o favor de não pisar mais no meu teatro, sua jornalista de merda. Quantos pratos de comida você comeu com essa reportagem? Deve ser uma morta de fome, por isso faz essas coisas sensacionalistas. Eu não preciso de travesti para sobreviver".

Diante dessa reação só tenho duas coisas a acrescentar: Além de a senhora precisar pagar melhor aos seus funcionários, recomendo que acrescente urgentemente, ao seu "vastíssimo" **curriculum,** um curso de boas maneiras. Quando muito para saber tratar de modo mais civilizado, as pessoas. (**Regina Rito**)

*Obs.: — **Pois é, Regininha, são as agruras que enfrenta a chamada imprensa livre. Se você dissesse que Brigitte Blair é jovem, linda e leve como uma pluma, estaria mentindo, mas ela ficaria muito satisfeita. Como você disse a verdade, ela não gostou. Cruzes!*** (**Rafaela Mambaba**)

Quentíssimos "Dancin' Gays"

A boate **266 West** e LAMPIÃO da Esquina estarão promovendo, em finais de setembro e princípios de outubro, um concurso de danças especialíssimo: o primeiro em que não haverá qualquer tipo de discriminação — incluindo a sexual — e em que, portanto, não haverá casais disputando prêmios, mas sim, pares, que tanto poderão ser papai-com-mamãe, como papai-com-papai ou mamãe-com-mamãe. O objetivo é aproveitar a onda discotheque e checar a descontração da moçada, e por isso a promoção foi batizada de **Dancin'Gays** (atenção pessoal: nós já registramos o título; é só nosso).

Quem quiser concorrer — tem que ser em dupla —, basta fazer o seguinte: ir até o **266 West** (Avenida N.S. de Copacabana, 266, galeria), dar os nomezinhos e pagar a taxa de inscrição — de insignificantes Cr$ 200,00 — a Amadeu, no horário das 22h às 24h, diariamente. E quem levar, já preenchido, o cupom que LAMPIÃO da Esquina publica nesta edição (Página 6), terá um desconto especial.

Os dançarinos que se inscreverem para o concurso serão não apenas aspirantes ao estrelato guei, como também disputarão prêmios e brindes valiosos, a serem divulgados oportunamente. Quanto ao júri, será escolhido a dedo: gente que transa em todas as áreas ficará encarregada de escolher os (e as) Travoltas entendidos (as) ou simpatizantes, que certamente acorrerão em massa à pista do **266 West**. Comecem a ensaiar meninos e meninas. (**Adão Acosta**)

GY ANTIGUIDADES

Galeria Ypiranga

Molduras

Feitas com arte, carinho e sensibilidade

Máscaras decorativas

De inspiração africana. Máscaras para teatro e dança executadas por artista especializado

Móveis coloniais maciços - Oratórios

Floreiras - Apliques - Porta-jóias - Etc.

Galeria Ypiranga de Decorações Ltda.

Rua Ipiranga, 46 (Laranjeiras), Rio de Janeiro — 225-0484

Pílula neles, meninas

Acabam de chegar notícias de Edimburgo, Escócia, sobre uma pesquisa de alto nível para criar uma pílula anticoncepcional masculina que poderá se transformar em instrumento de liberação da mulher do problema de só ela ser obrigada a usar a referida droga. Na tradução leiga da complicada fórmula, a tal pílula se resumiria numa "colher de açúcar". O açúcar, no caso, é a descrição química de "seis cloros, seis desoglicose", substância descoberta quando os cientistas procuravam substitutos para a sacarina.

Ficou confirmado que o produto tem efeito impressionante em ratos de laboratório, tornando os machos estéreis, embora depois de uma semana do tratamento eles voltem ao normal.

Agora os cientistas de Edimburgo iniciaram um projeto para a Organização Mundial de Saúde e seu trabalho será o teste definitivo sobre o assunto: A equipe vai usar a substância em macacos — os animais mais próximos do homem — para ver se ela é tóxica. O chefe do grupo mostrou-se cauteloso e disse que o outro açúcar, chamado Alfa Cloridrin, fez sensação há alguns anos, quando causou o mesmo efeito em ratos, mas acabou revelando-se tóxico. O novo açúcar, porém, tem a seu favor o fato de não afetar o hormônio masculino, do qual os machos dependem para "sua agressividade e vigor". A pílula anticoncepcional feminina, afirma ele, funcionaria nos homens, mas, provavelmente, mudaria sua personalidade. (**Francisco Bittencourt**)

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

Seguindo a pista de Kinsey

A revista **Time** anuncia em sua edição de 17 de julho passado — na seção intitulada **Sexes** — o lançamento do livro **Homossexualities** (homossexualidades mesmo, no plural), escrito pelo psicólogo Alan Bell e pelo sociólogo Martin Weinberg, e publicado por Simon & Schuster. O livro é resultado de pesquisas realizadas pelos sucessores de Alfred Kinsey no Instituto de Pesquisa Sexual de Bloomington, Estado de Indiana. O próprio Kinsey pretendia realizar esse projeto, mas morreu em 1956, antes mesmo de poder iniciá-lo. Foram necessários doze anos para que seus sucessores pudessem começá-lo e dez para concluí-lo. Fizeram entrevistas de duas a cinco horas de duração com 979 homossexuais de ambos os sexos, na área da baía de San Francisco, e 477 heterossexuais funcionando como grupo de comparação.

Time comenta que o estudo não oferece grandes surpresas, mas contém informações "fascinantes" sobre a vida dos homossexuais — nos Estados Unidos, é claro — até o ano de 1970, quando foi encerrada a etapa de entrevistas. Vejamos algumas dessas descobertas **fascinantes.** Queremos antes sugerir que cada um reflita um pouco sobre sua própria realidade sexual, tentando uma comparação com a realidade dos americanos entrevistados. Assim:

— os homossexuais mais felizes e ajustados eram os que mantinham uma relação amorosa estável e "fechada", nos moldes do casamento heterossexual.

— Os pesquisadores chegaram à conclusão de que 16% dos homossexuais entrevistados podiam ser considerados "assexuais", apáticos, solitários, com um baixo grau de auto-estima e pouco ou nenhum interesse sexual.

— Um quarto desses entrevistados acredita que a homossexualidade seja um distúrbio emocional. Cerca de um terço já havia pelo menos uma vez pensado seriamente em parar radicalmente com toda atividade homossexual.

O estudo conclui que as lésbicas têm menos problemas e praticam sexo com menos freqüência que os homossexuais do sexo masculino. Três quartos das homossexuais entrevistadas mantinha na ocasião uma união amorosa estável, e a maior parte não havia tido mais de dez parceiras sexuais em toda a vida; as doenças venéreas eram virtualmente inexistentes entre elas: um caso entre 293 entrevistadas.

Apenas metade dos homens mantinha então relações estáveis e dois terços deles já tiveram doença venérea pelo menos uma vez; quarenta por cento havia tido mais de 500 parceiros sexuais.

Descobriram que as mulheres homossexuais eram quase tão ajustadas quanto as heterossexuais, apesar de mostrarem índices ligeiramente mais baixos na avaliação do grau de auto-estima, e de serem mais inclinadas ao suicídio. Os homossexuais masculinos, no entanto, mostraram maior índice de desequilíbrio emocional do que os homens heterossexuais, e isto em nove tipos de estado negativo, indo da depressão à paranóia. Vinte por cento desses homens já haviam tentado o suicídio, contra 4% dos heterossexuais. Treze por cento dos homens e 5% das mulheres homossexuais entrevistados foram classificados como "disfuncionais", ou seja, pessoas torturadas por sua condição homossexual e vítimas de sérios problemas psicológicos, sociais e sexuais.

Time observa que essas constatações são bastante habituais em pesquisas sobre a homossexualidade e que seus defensores argumentam em geral que os homossexuais enfrentam uma pressão muito forte na sociedade anti-homossexual em que vivem. O livro refere-se a esse ponto e acrescenta a informação de que os índices baixos encontrados na estimativa do homossexual como grupo devem-se sobretudo à minoria constituída pelos desajustados, os que não se aceitam, os torturados.

Os estudiosos apresentam cinco categorias de homossexuais ou cinco homossexualidades. Veja cada um — ou cada uma — onde se enquadra e se teria outra lista a propor:

Duas dessas categorias — os "casados" em relações "fechadas" e os solteiros "funcionais", isto é, pessoas de espírito independente, seguras de si e que gostam de curtir a vida —, apresentam índices quase tão bons quanto os dos heterossexuais, na estimativa do comportamento psicológico. Os que vivem uniões amorosas "abertas" — que vivem juntos mas buscam também satisfação sexual fora de casa — apresentam índices quase tão positivos quanto os dessas duas primeiras categorias.

Os dois últimos tipos, os "assexuais" e os "disfuncionais", foram apontados, como mencionamos, como os grandes responsáveis pela queda do nível do grupo homossexual em relação ao grupo heterossexual. Os pesquisadores concluem então: "Um número relativamente grande de homossexuais parece viver sua homossexualidade com poucos problemas, e a vida homossexual só é complicada e problemática para uma determinada minoria". Mas a revista critica essa constatação, em cima do fato de que os "assexuais" e os "disfuncionais" representam 40% dos entrevistados que puderam ser classificados. A proporção de heterossexuais desajustados, no entanto, não é conhecida, pois os pesquisadores não fizeram essa estimativa para o grupo de comparação.

Os estudiosos estão muito orgulhosos de seu trabalho e o consideram uma tipologia muito abrangente dos homossexuais, indo "bem além da velha história de ativo ou passivo, bofe ou boneca". Não tão abrangente assim, afirma o comentarista de **Time**, pois 283 dos 979 entrevistados não puderam ser enquadrados em nenhuma das cinco categorias e, além do mais, como as entrevistas foram encerradas em 1970, o estudo não abrange dados novos, resultantes do movimento pelos direitos homossexuais surgido na década atual e em plena ação. Segundo o mesmo comentarista, pode-se portanto ter a impressão de estar lendo "história", e não sobre a atualidade. E apesar de não conhecermos o estudo, arriscamos acrescentar a essa crítica uma pergunta: será essa classificação válida apenas para a homossexualidade? Serão essas categorias tipicamente, exclusivamente homossexuais?

Esperamos no entanto que o livro traga muitas contribuições e que, se for esse o caso, chegue um dia às mãos do leitor brasileiro, oferecendo-lhe uma oportunidade de ir se informando e pensando um pouco mais, até que um dia se veja retratado num estudo semelhante feito a partir da realidade brasileira, e não apenas antes de 1970. **(Danilo Aguiar)**

Em defesa de Brasília

Na época do XI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o crítico Sérgio Augusto declinou-se de alguns convites, trancou a cara e até declarou, no Jornal de Brasília, onde tem uma coluna dominical muito interessante, que nunca voltaria a pôr os pés na Capital, não só por receio da terra vermelha do Cerrado, como também, pelas angústias que consegue sentir aqui. Eu li o artigo e confesso que não entendi que o alvo era a cidade, confundi-o com o Festival. Alguns brasilienses, no entanto, reclamaram e Sérgio Augusto voltou a escrever, descarregando um fel bem particular e azedo sobre uma cidade que conhece apenas como turista (que, por mais sensível que seja, é sempre supérfluo).

Mesmo assim, outros críticos vieram ao Festival e não lhes doeu nada. Pelo contrário, eles eram sempre vistos nas sessões do Cine Brasília (que está reformado, Sérgio Augusto, você precisa ver), e nos debates que atravessaram a semana. Preferiram estar presentes a serem críticos via Embratel, habituados a saberem todos os detalhes dos bastidores de Hollywood sem sair do Rio de Janeiro. Aliás, os "brasileiros adotivos", amigos de Sérgio Augusto, que consideraram Brasília um desterro, devem ser cariocas. Afinal, são eles que, não sem terem certa razão afetiva, mais reclamam da transferência da Capital da República para o oeste incauto.

Mas, convenhamos, deve ter sido terrível perder a capital para um bando de cearenses, mineiros e goianos sem nenhuma tradição pesada e inchada de quatrocentos anos. Foi e, passados os dezoito anos, ainda é um baque para alguns elegantes e glamurosos cariocas da Zona Sul entregarem o ouro para o bandido porque, como já se queria no século XVI, além da orla marítima, o resto é tudo índio, bugre e perigos indescritíveis. Mas para os outros cariocas ali de Irajá, Ramos, Cascadura, a coisa não foi tão ruim assim: criaram até algumas singelas escolas de samba na Capital Federal (pobres escolas, mas bem menos prostituídas que as da Avenida Getúlio Vargas). Coisas da vida.

Mas é sempre assim. Sérgio Augusto prefere olhar Brasília como um inevitável peloto de cocô, enquanto recebe, por sua coluna semanal, muito mais que os jornalistas do cerrado que, sem fama e sem cama, continuam se debatendo por uma brecha no mercado de empregos e baixos salários. Sérgio Augusto, provavelmente, nunca pensou nisto e os que o empregaram ajudam muitíssimo bem a manterem vivo o mito de que tudo que é importado é melhor que o produto da casa.

E é justamente, contra isto, contra esta asfixiante imposição cultural do Rio de Janeiro, que os cineastas brasilienses estão lutando. Sérgio Augusto diz que não existem fazedores de cinema em Brasília. Ora, ele pode não ter sido informado, mas deveria saber por conta própria, já que é crítico de cinema. Viesse ao último Festival e novamente se espantaria com a quantidade de cineasta irrequietos que tentavam, a todo custo, incomodar a tranqüilidade oficial do Festival e matar de susto o diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal. Estes cineastas (entre eles, alguns já admitidos no círculo nacional) se mostram bem dispostos a lutar e até mesmo a se unirem em associações, sonhando com uma cooperativa e lançando um manifesto onde reclamam de tudo — exigem, por exemplo, a câmara 35 mm usada apenas pelo Governo do Distrito Federal para filmar as recepções do governador e uma maior atenção da Embrafilme. Talvez o Sérgio Augusto também não saiba, mas alguns filmes gerados no árido cerrado já voltaram com prêmios em festivais de outras regiões. Filmes feitos em condições bem precárias, não é maravilhoso? Só não cito o nome de ninguém, porque não tenho tempo para pedir uma autorização, mas posso afirmar que estes cineastas são bem enérgicos e preferem a batalha a acomodarem o popô, feito galinhas meramente chocadeiras, em cima de ovo já posto.

Outra coisinha: que negócio é este de que Brasília é perigosa "na medida em que atesta o desejo do brasileiro de viver (...) longe do nervo da sua história?" Então o Centro-Oeste nunca fez nada, nunca participou de festa alguma e acompanhou tudo de braços cruzados? Nós, em Brasília, pensamos diferente porque estamos, diariamente, frente a frente com o cerrado seco e torto, miserável e obscuro como a nossa própria História, e nos encontramos a dois incômodos passos dos índios assassinados e dos antigos quilombos esmagados (que sobrevivem em forma de cidadezinhas perdidas). Mas é claro que índios e negros nunca participaram da corte nem nunca foram vistos escalando o Corcovado em tropicais tardes de primavera. É isto o nervo da História? Então tá.

Desculpem-me se estou falando demais, mas Sérgio Augusto conseguiu tocar em meu nervo exposto. De qualquer forma, paro aqui lembrando que Maria Sílvia, uma das atrizes que mais admiro, observou que Brasília "é uma cidade que obriga as pessoas a pensarem, já que não se pode enganar as coisas com um mergulho em Ipanema." O Rio, infelizmente, já não é mais a Cidade Maravilhosa, e Brasília não é mesmo engraçada: é apenas o retrato lavado da situação do País do qual é a capital. É isto aí. **(Alexandre Ribondi)**

Onde achar o rapaz da foto?

A Escola de Artes Visuais, instalada no aprazível Parque Lage, no Rio, é talvez o único estabelecimento de ensino com patrocínio oficial do Brasil que mantém um currículo de arte aberto, sem os costumeiros entraves acadêmicos que transformam todas as escolas de belas artes do país em verdadeiros necrotérios da arte. Na EAV, como aliás na Escola de Música Villa-Lobos, também no Rio, os alunos se dedicam a criar e não a copiar. E é por isso que seus cursos atraeem multidões de jovens.

Agora, está dando aulas na EAV a fotógrafa norte-americana Constance Brenner, artista radicada no Brasil há alguns anos e que realiza entre nós um levantamento da arquitetura popular. O curso de Constance é muito abrangente e pretende, principalmente, ampliar o conhecimento e a experiência no manejo da máquina fotográfica e de seus controles; expandir a competência e a confiança do aluno; desenvolver a compreensão dos conceitos que entram na criação de imagens fotográficas e a capacidade técnica de realizá-las.

Constance Brenner, autora da foto do homem tatuado que ilustra esta nota, diz que sua intenção é encorajar o processo de avaliação, análise e crítica dos que estiverem dispostos a entrar no mundo apaixonante e misterioso da fotografia. Aos que gostam de fotografar e desejam se aprofundar na técnica, LAMPIÃO recomenda o curso de Constance na Escola de Artes visuais do Rio. (F.R.)

Turistas muito especiais

Quando este número de LAMPIÃO da Esquina chegar às bancas estarão desembarcando no Brasil os especialíssimos turistas que participam do Anual International Tour, uma promoção que uma agência de viagem norte-americana vem realizando desde 1964 com o maior êxito: a organização de roteiros turísticos especiais para grupos gueis norte-americanos. Dessa vez o caminho escolhido pelos meninos e meninas do grupo foi o **South América way:** uma viagem de 21 dias que começa no Equador e termina na Argentina (será que vai terminar bem?), passando, naturalmente, pelo **paradise lost** dos gringos, o Brasil.

O **gay tour** desembarca em Foz do Iguaçu, e de lá vai a São Paulo, onde ficará dois dias; para o Rio foram reservados quatro dias e em Brasília e Manaus, um dia para cada cidade. O programa organizado para o Rio é caretíssimo, mas Dorr Legg, o organizador do roteiro, mandou cartas a dois lampiônicos — João Antônio Mascarenhas e Frederico Jorge Dantas — pedindo auxílio; os dois, sabendo como eu sou fogoso, me passaram a bola, e eu estou batalhando para tornar a excursão mais **exciting!**

Uma das coisas que a gente já inventou para animar os gringos é promover uma festa de congraçamento: será na **266 West** e vai se chamar **Noite Tropical:** muita fruta, muito turbante, muito drinque à base do abacaxi, muita gente bronzeada na pista de dança e muito **olê-olê, olê-olá. (Adão Acosta)**

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

Transexualismo: um julgamento moral

*"O cirurgião plástico Roberto Farina foi condenado ontem a dois anos de reclusão, pelo juiz Adalberto Spagnuolo, da 17ª Vara Criminal, sob o fundamento de que a operação para mudança de sexo por ele realizada — a denominada "reversão sexual" — configura delito de lesões corporais dolosas de natureza gravíssima, não passando de uma mutilação imposta ao paciente. O magistrado concedeu-lhe o benefício da suspensão condicional da pena pelo prazo de dois anos, sem condições especiais, designando o próximo dia 15, às 13h30m, para a audiência admonitória". (**Folha de São Paulo, edição de 7.7.78**).*

Comecemos com uma imagem chocante: imaginem que alguém pudesse empilhar, num açougue qualquer, todos os seios sumariamente decepados pelos cirurgiões plásticos, no mundo inteiro, em nome da chamada "cirurgia cosmética": a que conclusão se chegaria? Que milhares de mulheres vêm sendo mutiladas em nome de um conceito abstrato de beleza segundo o qual elas não podem ter seios grandes; e que o seio vem, com isso, perdendo sua função única no corpo feminino, que é não a de embelezar, mas sim, de amamentar.

Como se explica, então, que nenhum promotor tenha até hoje resolvido processar um desses cirurgiões plásticos por **lesões corporais?** *Afinal de contas, não há diferença entre cortar uma mão, um seio ou o órgão sexual de alguém — tudo isso é mutilação. E não se diga que o cirurgião plástico recompõe o seio à perfeição, porque o fato é que, recomposto ou não, ele perdeu sua função com a cirurgia, exatamente como acontece nos casos de reversão sexual em que um homem é transformado em mulher (esta é a origem do processo que condenou o Dr. Farina).*

Assim, é preciso ver, primeiro, o que deu origem a este processo. Não foi uma queixa da suposta vítima, Valdir Nogueira, que, agora como Valdirene, foi ao tribunal e disse ao juiz que o Dr. Farina, ao fazer a operação, lhe deu uma nova vida. A operação foi realizada em 1971, no Hospital Oswaldo Cruz, em São Paulo, e só alguns anos depois é que o promotor Messias Piva decidiu denunciar o médico, sob a alegação de que este ofendeu a integridade física do paciente, "uma vez que daquele ato cirúrgico resultou para o ofendido perda irreparável dos órgãos sexuais e inutilização de suas respectivas funções". Pois, acrescentou, "Valdir era induvidosamente do sexo masculino, portador de órgãos genitais masculinos, sem traços do pretendido hermafroditismo, ou pseudo-hermafroditismo, circunstância conhecida pelo acusado, que por isso não poderia jamais transformá-lo em pessoa do sexo feminino, porque não conseguiria implantar, como não implantou, os órgãos genitais femininos internos".

"Uma lição de anatomia (pintura do século XVII do artista holandês Mierevelt

Vem, a seguir, a parte mais importante da denúncia: "o ato cirúrgico incriminado, além de criar, para o ofendido, graves problemas no seu relacionamento social, teve em vista encontrar condições favoráveis para uniões matrimoniais espúrias": levando-se em conta que o Dr. Messias Piva nunca se preocupou antes com pessoas mutiladas em outros tipos de cirurgia, conclui-se que sua preocupação real não foi com o que poderia ter acontecido a Valdir/Valdirene, mas sim, com o que poderia ter acontecido a Valdir/Valdirene, mas sim, com o que a operação de reversão sexual" pode significar para a família. O julgamento do Dr. Farina foi, portanto, um julgamento moral; tanto que, ao aplaudir a decisão do juiz, o promotor Piva acrescentou ao que já havia dito antes que "esta decisão tem grande alcance social, porque vem, sobretudo, tranqüilizar a família brasileira: poderá esta se ver obrigada a enfrentar, no lar, alguém com problema semelhante ao paciente do caso em exame; entretanto, jamais estará obrigada a ter que suportá-lo na condição de mutilado".

Esta posição, do "julgamento moral", foi igualmente reforçada pelo jornal **O Estado de São Paulo**, *que, num editorial, tratou do assunto: "Aqui mesmo em São Paulo tivemos há alguns anos o caso de um homem que se submetera a operação semelhante na Argélia e que obtivera, em juízo, a alteração do seu registro de nascimento para que nele figurasse o sexo feminino. Graças, ainda uma vez, à atuação do Ministério Público, obteve-se a anulação dessa alteração, que possibilitava, até mesmo, contraísse ele matrimônio com pessoa do mesmo sexo, o que não corresponderia, apenas, a uma aberração jurídica". E mais adiante: "A decisão ora adotada pela Justiça paulista faz honra às suas tradições; de fato, fosse outra, e muito em breve teríamos reproduzidas as alterações de registros de nascimento para que pudessem unir-se pelo matrimônio indivíduos do mesmo sexo, tendo em conta, não somente, conformações externas determinadas por atos cirúrgicos e pela administração de hormônios".*

Quer dizer, o problema basicamente é esse: a ameaça que pessoas como Valdir/Valdirene representam a um sistema que se considera pronto e acabado e que, portanto, se fecha dentro de si mesmo. Tanto que, após condenar o Dr. Farina, o juiz Adalberto Spagnuolo, cuja sentença tem 32 laudas, ao lhe conceder **sursis**, *tratou de reabilitá-lo (o cirurgião plástico é um homem próspero e vitorioso em sua profissão, uma figura que, de com as exigências do sistema, subiu na vida: apenas deu um mal passo, que pode ser, no entanto, remediado): "A pena corporal foi estabelecida no grau mínimo.(...) Mas, de qualquer modo, a exasperação da reprimenda impediria a concessão do* **sursis** *e a boa política criminal recomenda o benefício".*

O que se julgou — e a condenação, me permitam dizer, já existia antes mesmo da sentença do juiz —, portanto, foi a ousadia de Valdir, que tentou mudar seu próprio destino, transformando-se em Valdirene. Tanto que não se utilizou o processo para levantar a única discussão realmente válida em torno de tema, que é a seguinte: o transexualismo — fenômeno referente às pessoas que têm o corpo de um sexo e a mente de outra — é um fato científico, ou apenas uma **figura** *criada pela medicina para justificar esse tipo de operação? Afinal, só se começou a falar em transexuais depois que os médicos descobriram que podiam operá-los. Não teria essa operação o objetivo de conseguir lucros às custas de homossexuais que, tendo aprendido desde cedo que em matéria de sexo só existem duas opções, e rejeitando aquela que a natureza supostamente lhes destinou, procurariam na outra uma saída para sua insatisfação?*

Por esse lado se chegaria facilmente a uma discussão bem mais ampla: a da medicina como instituição que visa o lucro. Neste sentido, seriam também condenáveis operações que o bom senso considera dispensáveis na maior parte dos casos — as de apendicite e amígdalas, as cesarianas que se faz com uma freqüência cada vez maior nos INPS da vida. Mas por esse lado a discussão chegaria a um terreno perigoso — o da discussão do próprio sistema, e então, o Dr. Farina e a pobre Valdirene seriam apenas peças sem a menor importância dentro de uma conspiração bem mais ampla. (AS).

Na tevê, minutos de muita emoção

Durante uma semana a TV-Tupi repetiu chamadas para o programa Flávio Cavalcanti, nas quais o assunto principal era o caso Valdir/Valdirene e a condenação do Dr. Farina. Isso, provavelmente garantiu ao animador uma audiência especial: a dos homossexuais que viam, ainda que de forma velada, uma ameaça à classe neste processo que o juiz paulista acabara de julgar. Para muitos, a promessa de Flávio de que abordaria o assunto, era motivo de preocupações; afinal de contas, são conhecidos os ataques de moralismo do animador e a visível preferência da nossa tevê, nestes casos, pelos que usam a justiça como se esta fosse o fundo dos seus quintais.

Foi, possivelmente, com essa preocupação que Darcy Penteado, membro do Conselho Editorial de LAMPIÃO da Esquina, preparou-se para — atendendo a um convite de Flávio — participar do programa. Na noite de domingo, 16, ele levou para o auditório da Tupi, na Urca, Rio, farto material, através do qual, pretendia mostrar que o julgamento do Dr. Farina nada tinha a ver com o caso isolado de Valdir/Valdirene, apesar do pretexto de "lesões corporais" utilizado pela promotoria.

A abordagem do assunto começou de modo solene, com Flávio pedindo a "compreensão" e o "respeito" do auditório, uma espécie de **deixa** para que entrasse em cena José Edmílson da Silva, cearense, auto-proclamado transexual; um rapaz traumatizado pelo fato de achar que em seu corpo de homem só cabe uma mente de mulher, e movido pela esperança de — seguindo o mesmo caminho de Valdirene — eliminar o trauma trocando de sexo.

Flávio apresentou Edmílson, e depois deu a palavra ao Dr. Isaac Benchimol, a quem coube dar a explicação científica; ele mostrou a diferença que há entre transexuais, travestis e homossexuais, mas ao falar destes últimos sofreu um escorregão que felizmente, não lhe foi fatal: deu a entender que existiam apenas homossexuais masculinos. A Dra. Ana Lúcia, uma psicóloga, falou a seguir; ela sustentou a tese de que o homossexualismo é conseqüência de uma educação falha (meu Deus: se fosse assim, as 17 milhões de crianças abandonadas que, segundo o **Time**, o Brasil possui, formariam nos próximos anos um compacto exército de famintos homossexuais); e mostrou o quanto era liberal ao concluir: "Os homossexuais não têm culpa de ser assim".

A palavra foi então concedida a Darcy Penteado. De saída, ele deu mostras de que não pretendia ficar na superficialidade do tratamento até então utilizado. Abriu o **dossier** que levara consigo, e começou a ler os trechos que considerava mais importante. Mas Flávio, mais preocupado com a quebra de ritmo do programa, começou a interrompê-lo; uma vez, duas, três, até que Darcy se perdeu e, deixando-se levar pela emoção fez com que o programa chegasse ao seu ponto alto:

— A condenação do Dr. Farina é ridícula, porque o caso de Valdirene não é uma questão de "lesões corporais", mas sim, um caso de direitos humanos; o direito que cada um tem de dispor do seu próprio corpo, de fazer, sem prejuízo para os outros, o que lhe parece melhor e mais de acordo com sua consciência.

Com experiência suficiente para perceber que estava acontecendo ali, o momento mais bonito do seu programa, Flávio deixou que a emoção de Darcy fluísse até o fim, e que esta fosse coroada com os aplausos do auditório. E só então retomou a palavra, para, num tom melodramático, dizer que ele era a grande vítima de tudo isso; pois prometera a José Edmílson, o rapaz cearense, que o ajudaria, que o encaminharia aos médicos para que estes mudassem o seu sexo, mas que agora, com a condenação do Dr. Farina, nenhum médico ousaria repetir a operação no Brasil, pelo o que seu caso ia permanecer sem solução.

O programa terminou com um **close** de José Edmílson, perplexo e à beira do choro, provavelmente, entendendo que viera até ali, que se desnudara diante de milhões de pessoas, para nada. As chacotas, as humilhações sobre as quais ele falara, os problemas com a família, nada disso terminaria, sendo possível até que a súbita notoriedade que sua aparição na tevê provocaria e as multiplicasse. De qualquer modo, a reportagem do programa Flávio Cavalcanti sobre o homossexualismo surpreendeu os que a viram; não só os que, tradicionalmente, acompanham a carreira do animador, como aqueles que, diretamente interessados no assunto, lhe garantiram uma audiência extra, e aos quais Flávio parece ter endereçado a frase com que encerrou a reportagem: "a condenação do Dr. Farina foi injusta".

APPAD associação paranaense da parada da diversidade
Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott
GRUPODIGNIDADE

ESQUINA

Minorias e a política

Foi lançada recentemente, em São Paulo, a Carta dos Direitos da Mulher, **elaborada em conjunto por alguns grupos feministas organizados (jornais** Nós Mulheres **e** Brasil Mulher, **Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, Grupo de Mulheres da Zona Norte) e mais de uma dezena de feministas independentes. Pretende-se discutir essa carta com outros grupos, a fim de buscar um programa comum, quase uma frente ampla entre as e (os) feministas brasileiras (os). A** Carta **tem sido apresentada e discutida inclusive com candidatos e candidatas políticas que queiram integrar a luta da mulher brasileira em suas plataformas eleitorais. Pretende-se, assim, que os problemas da mulher comecem a ser veiculados dentro dos (enferrujados) mecanismos eleitorais da vida política brasileira, como uma tentativa de pressão por dentro.**

A carta contém uma análise crítica da situação da mulher no Brasil, protestando, entre outras coisas, contra a injusta divisão social que torna o trabalho da mulher ignorado ou desvalorizado; condena a manipulação que os meios de comunicação fazem da mulher, prisioneira da dicotomia "símbolo sexual — rainha do lar"; e propõe uma detalhada lista de exigências relativamente à família, educação, saúde, formação profissional e trabalho. A Carta **me parece francamente admirável e corajosa, ao propor soluções polêmicas e específicas da mulher: criação de berçários e creches nos bairros e empresas; criação de lavanderias públicas; reconhecimento de plenos direitos à mãe solteira; mudança do Código Civil, garantindo igualdade de direitos e deveres entre homem e mulher dentro da família; incentivo à pesquisa de melhores métodos anticoncepcionais para homens e mulheres; abolição da legislação repressiva ao aborto e proteção médica às mulheres que recorrem a ele, como último recurso a uma gravidez não desejada; nas escolas, implantação de uma educação baseada na igualdade entre os sexos, combatendo o duplo padrão de comportamento; igualdade de salário entre homens e mulheres que tenham o mesmo tipo de profissão; no trabalho, contra a dispensa sem justa causa da mulher que se casa ou engravida; inclusão, no Código de Publicidade, da proibição do uso da mulher como objeto sexual.**

Sempre achei que a luta das mulheres é importante também para a conquista dos plenos direitos dos homossexuais. Por isso a Carta **me entusiasma como uma abertura de novos caminhos dentro da sociedade brasileira. Sobretudo, quando tem tanta gente querendo se aproveitar da permissividade e aparente abertura do momento político atual. Agora, por exemplo, o** frisson **das eleições se junta à festividade** discotheque. **Tem uma boate guei em São Paulo fazendo propaganda (alardeada pelo microfone) de um candidato do MDB. Outra, faz propaganda (não tão escandalosa) de um candidato da Arena. Sim, as bichas e lésbicas rendem votos. Mas aí eu fico pensando, indignado: então é só pedir voto, assim gratuitamente, sem atender a nenhuma exigência?**

Nesse sentido, fico fascinado com o Programa Comum tirado pelas feministas. É verdade que os homossexuais têm um longo caminho a percorrer até lá. Primeiro, vão precisar tirar a cabeça de avestruz do chão, buscando auto-identificação enquanto grupo.

Acho que a consciência da opressão entre os homossexuais no Brasil é bastante incipiente, e não estou culpando especificamente ninguém disso: as causas históricas são complexas e não se esgotam numa só classe, nem em indivíduos isolados ou em circunstâncias separadas. Sei muito bem que a barra psicológica pesa quando alguém revela sua homossexualidade, expondo-se a agressões físicas e culturais. A repressão social provoca os desajustamentos; por isso é que os sentimentos de culpa, os estereótipos e o enrustimento grassam epidemicamente entre os homossexuais — que acabam servindo de fácil massa de manobra, inconscientes dos seus direitos a uma sexualidade própria e legítima.

Aceito o problema mas não o proponho como justificativa. Não creio que a festividade, por si mesma, vai diminuir a discriminação (sutil ou) deslavada) que vitima a coletividade homossexual. Não acho que se elimina a repressão pelo ato de ignorá-la. A propósito, conheci um rapaz que foi dispensado do Serviço Militar por incapacidade; motivo apontado no documento: "homossexualidade", atestada pelo médico que tirou essa conclusão por alguns arroubos desmunhecados do garoto (quer dizer, o rapaz nunca dormiu com o médico; e, mesmo nesse caso, estariam ambos **envolvidos numa relação homossexual). Conclusão: o rapaz marcado com um "triângulo na testa" já foi recusado para fazer testes num banco, porque numa de suas fichas constava o misterioso 302.0. Quem quiser, poderá tirar as dúvidas: no Código Médico Internacional o número 302.0 serve para identificar "homossexualismo". (Isso tudo não lembra um** pouquinho **os campos de concentração?)**

Nesses momentos fica mais clara para mim a necessidade de solidarizar-se, aprender a trocar experiências com outros grupos discriminados: os amigos são bem aceitos, venham de onde vierem. Mesmo porque a opressão, que parece tão diversificada, tem raízes comuns num mesmo sistema patriarcal e autoritários. É bom constatar que também os negros se organizaram numa frente chamada Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial. E o índio Mário Juruna está mantendo contatos para ignorar a Funai e criar a Federação do Índio Brasileiro, inclusive ameaçando fazer denúncias à Organização das Nações Unidas.

Francamente, tudo isso me anima a não abrir mão de mim mesmo. Porque mostra que não estou só. (João Silvério Trevisan)

O rei que se cuide

"Um jornal sem medo de crítica e sem medo de criticar" — este, o mote de "O Inimigo do Rei", bimensário a ser lançado em Salvador, sob a proposta de entrar na faixa dos assuntos proibidos ou normalmente não veiculados pela grande imprensa nem, sequer, pelos nanicos pretensamente libertários.

No cardápio, pratos apetitosos como artigos, debates e reportagens sobre "Autogestão; Movimentos Libertários; os homossexuais; os marginais; movimentos negros e feministas; problemas do cotidiano etc. "A rapaziada do Inimigo do Rei se intitula, ainda, "antimonarquista", metáfora de algum brilho e desfrute. Ricardo Liper, um dos editores do novo jornaleco (palavra aqui empregada no seu melhor sentido de coisa pequena, de formato cômodo, inteiramente descomprometida com o Estabelecido), é também o distribuidor de LAMPIÃO em Salvador. Por princípios e origens, o bimensário baiano vem a ser, portanto, parente próximo do nosso bando. É isso: que se multipliquem as cabeças e publicações lampiônicas. (A.C.)

P.S. — Ah, sim: como O Inimigo do Rei vive, como nós, de sua venda avulsa ou de assinaturas, é bom que todos estejam informados de que poderão fazer assinaturas, pelo modestíssimo preço de 60 pratas por seis números, que cobrirão (Deus queira!) o primeiro ano de existência do nosso primo de Salvador. O tutu deve ser enviado para a caixa postal 2540, CEP 40.000, Salvador, Bahia.

Dancin' Gays!

Recorte o cupom abaixo, faça sua inscrição no concurso de danças DANCIN'GAYS na boate 266 West (Avenida Copacabana, 266, galeria), com Amadeu, no horário de 22h às 24h, prepare a coreografia e concorra a valiosos prêmios:

Nomes ....

e ....

Endereço ....

Telefone ....

Os inscritos devem aguardar a chamada. Cada dupla receberá um número e participará de uma eliminatória em data a ser marcada com a devida antecedência.

Os gregos proibidos

"Stella", um filme de Cacoyannis, com a divina Melina Mercouri, vai abrir a 1.ª Semana do Filme Grego, organizada por Ilias Evremides, numa produção da Cinemateca da Grécia, Cinemateca do MAM (Rio), Clube de Cinema de Porto Alegre, Cinemateca do MASP (São Paulo) e Aliança Francesa. A Semana será apresentada a partir de 30 de outubro no Rio, em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e São Paulo, com sete filmes longametragem e outros tantos de curtametragem, entre eles "O Ogre de Atenas", "As Cores do Arco-Íris", "Cara a Cara" e "A Roda", quase todos mantidos nos porões da censura grega durante o regime dos Coronéis.

A contribuição de Cacoyannis à história e ao desenvolvimento do cinema grego é universalmente reconhecida. Sua adaptação de "Electra", de Eurípedes, é considerada como um dos trabalhos mais importantes da história do cinema mundial. A partir daí, e com "Stella" (1955), Cacoyannis atraiu a atenção da crítica internacional para o cinema grego. "Zorba, o Grego", de 1965, adaptado de um romance de Kazantzakis, é a sua realização mais célebre e bem sucedida.

Stella, segundo Cacoyannis, é uma mulher primitiva que gosta de escolher seus amantes e não de ser escolhida, passando por isso a ser classificada de prostituta pela sociedade patriarcal. O diretor não poderia ter optado por melhor intérprete para seu personagem do que Melina Mercouri, um monumento de coragem e dignidade. Artista e mulher reistente, ela tem sofrido todo o tipo de perseguição, tanto daqueles que procuram lhe negar o direito de escolher sua vida e seus amores, como dos que pretendem oprimi-la ideologicamente, na sua consciência de ser humano e mulher.

A cena final de "Stella" (foto), quando o amante a esfaqueia para poder mantê-la em seus braços, é bem um símbolo dessa luta de Melina Mercouri. O poder — patriarcal, matriarcal, político — é capaz de qualquer coisa, até do assassinato, para impor seu jugo. E é contra isso que Melina-Estella vem lutando nos filmes que faz e na própria vida. (F.B.)

Sem essa de amor maldito!

Oscar Wilde estava certo no seu tempo. Mas as coisas mudaram, e estes autores mostram por que. Leia-os e aprenda: o ex-amor maldito agora é uma boa.

Os Solteirões **Cr$ 80,00**

Gasparino Damata

Crescilda e Espartanos **Cr$ 65,00**

A Meta **Cr$ 65,00**

Darcy Penteado

Primeira Carta aos Andróginos **Cr$ 65,00**

República dos Assassinos **Cr$ 70,00**

O Crime Antes da Festa **Cr$ 50,00**

Aguinaldo Silva

Testamento de Jônatas Deixado a Davi **Cr$ 65,00**

João Silvério Trevisan

Peça pelo Reembolso Postal à
Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.
Caixa Postal 41031
Cep 20241
Rio de Janeiro — RJ

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPO DIGNIDADE

ENSAIO

O Vilão Homossexual

Norman Mailer

Há algum tempo, no início da década de 50, um grupo de jovens de Los Angeles fundou uma revista homossexual chamada **One**. *Para atrair a atenção, eles enviaram exemplares da revista e uma carta pessoal a um bando de celebridades maiores e menores, incluindo o Bispo Fulton Sheen, Eleanor Roosevelt, Tennessee Williams, Arthur Miller e cinqüenta e oito outros, entre os quais eu próprio. A idéia era interessante. Ao alto do expediente, cultivava-se o lendário:* ***One — a Revista Homossexual****, e como num saco de batatas, nós, as notabilidades, tínhamos nossos nomes enumerados na margem esquerda, como se fôssemos beneméritos. "Prezado Norman Mailer", começava minha carta. "À esquerda você verá seu nome relacionado. Você é um dos americanos ilustres que estamos procurando interessar em nossa revista, para que possa nos ajudar a dissipar a ignorância e a hostilidade públicas sobre a questão." E em seguida a carta nos convidava a colaborar na revista. (Estou citando de memória). Cerca de um mês depois, seguiu-se a esta carta um telefonema — o secretário da organização em Nova York me chamava para dizer que não sabia o que eu tinha a ver com a coisa, mas que da Califórnia lhe tinham pedido que entrasse em contato comigo porque eu poderia escrever para eles.*

Apressei-me em lhe dizer que não sabia nada sobre homossexualidade.

O secretário então me garantiu (ele tinha uma vozinha fina e familiar) que entendia como eu estava me sentindo em relação a tudo isso, mas que podia assegurar ao Sr. Mailer que era realmente uma questão muito simples, e o Sr. Mailer poderia dizer o que gostaria de dizer sob um pseudônimo.

"Mas eu já lhe disse", insisti, "que não sei nada sobre o assunto. Eu nem sequer conheço um homossexual."

"Ora, não seja por isso", disse o secretário, "eu posso apresentá-lo a muitos de nós, Sr. Mailer, e o senhor poderá ver como temos problemas interessantes."

"Não... é o seguinte..."

"Sr. Mailer, o senhor pelo menos não diria que é simpático aos objetivos da revista?"

"Bem, eu acho mesmo que as leis policiais contra homossexuais estão erradas, e tudo mais. Acho que a homossexualidade é uma questão privada."

"O senhor diria isso para nós?"

"Não é uma idéia nova."

"Sr. Mailer, eu entendo que um homem com o seu nome e a sua reputação não queira se meter com idéias tão perigosas."

E ele estava certo. Eu seria capaz de subscrever qualquer manifesto radical, orgulhava-me de poder dizer em papel impresso qualquer coisa em que acreditasse, e ainda assim não estava disposto a sair a público em defesa dos homossexuais.

E então resmunguei para o secretário em Nova York da revista **One**, *"Se eu escrevesse alguma coisa sobre a homossexualidade, assinaria meu próprio nome".*

"Verdade, Sr. Mailer? Olha, o senhor precisa saber, pelas estatísticas mais moderadas, calculamos que existem 10 milhões de homossexuais neste país. Pretendemos organizar um grupo de pressão parlamentar, e dentro de poucos anos esperamos eleger nosso representante no Congresso. Se o senhor escrever um artigo para nós, Sr. Mailer, pode até se tornar o nosso primeiro congressista!"

Não me lembro do nome do secretário, mas ele tinha um donzinho bem traiçoeiro — sabia como me pegar: junte-se o absurdo ao apocalíptico, e eu sou um prisioneiro. Assim, antes de terminada nossa conversa, eu prometera escrever um artigo para a revista **One**.

Ele vai transcrito a seguir. Adiei por meses o início da tarefa, ficava deprimido cada vez que me lembrava da promessa, contorcendo-me ante os eventuais comentários — para cada leitor que lesse meu artigo haveria dez ou cem que ouviriam dizer que Mailer estava escrevendo para uma revista de bichas. Ficaria entendido que eu era homossexual — que coisa desagradável! Cheguei a desejar que a revista **One** *falisse e desaparecesse do mapa.*

com o desânimo do dever a cumprir sentei na máquina e escrevi ***O Vilão Homossexual****. É, fora de dúvida, o pior artigo que jamais escrevi, convencional, vazio, pio, a quintessência do Quadrado.*

Ainda assim, ele foi importante para o meu próprio crescimento. A prosa cinza de ***O Vilão Homossexual*** *foi o fim da retórica radical fácil — eu percebi que não tinha nada de interessante a dizer sobre a homossexualidade porque os conceitos racionais do socialismo, muito adequados quando se escreve sobre o trabalho de David Riesman (*), nada tinham a ver com os infortúnios dos homossexuais. Não, para isso era preciso cavar fundo os complexos e muitas vezes sórdidos poços mentais em que o sexo e a sociedade vivem sua dialética homicida. Escrever* ***O Vilão Homossexual*** *me mostrou como eu estava árido de novas idéias e com isso me ajudou a dissolver uma massa inerte de inibições e freios, de prudência com meu bom nome. Mais tarde, de volta a Nova York, quando minha mente ardia turbulentamente nas primeiras febres da auto-análise, vim a passar meses e anos com as intermináveis indecisões de comportamento e a frustração que constituem a homossexualidade latente para tantos de nós, e cheguei a me compreender, e cresci talvez um pouco como homem, embora seja cedo para jactâncias, pois ser um homem é a batalha contínua de nossas vidas, e nós perdemos um pouco de nossa humanidade com cada concessão viciosa à autoridade de qualquer poder em que não acreditamos. O que vem explicar em parte a tenacidade da fé organizada, do patriotismo e do respeito à sociedade. Mas isto é outro ensaio, e aqui vai* ***O Vilão Homossexual***

(*) ***Clássico da sociologia americana moderna, autor de "A Multidão Solitária"***

Os leitores de **One** familiarizados com meu trabalho podem supreender-se ao me verem escrever para esta revista. Afinal, tenho sido tão culpado quanto qualquer romancista contemporâneo de atribuir conotações desagradáveis, ridículas ou sinistras aos personagens homossexuais (ou, mais precisamente, bissexuais) em meus romances. Parte da força do General Cummings em **Os Nus e os Mortos** — pelo menos para quem o considerou bem concebido como personagem — repousava na homossexualidade que eu obviamente sugeria como cerne de muitas motivações suas. Em **Barbary Shore**, de novo, o "vilão" era um agente policial secreto chamado Leroy Hollingsworth cujo sadismo e dissimulação estavam essencialmente vinculados a seu desvio sexual.

Quando escrevi esses romances, eu era conscientemente sincero. Efetivamente acreditava — como tantas heterossexuais — que existia uma relação intrínseca entre homossexualidade e "mal", e me parecia perfeitamente natural, e **simbolicamente** justo, tratar o assunto dessa maneira.

A ironia é que eu não conheci um único homossexual em todos aqueles anos. Naturalmente encontrara homossexuais, reconhecera alguns como homossexuais, "suspeitara" de outros e percebi anos depois que um ou dois amigos chegados eram homossexuais, mas nunca conhecera um no sentido humano, o que significa olhar os sentimentos do amigo através dos olhos dele, e não dos seus. Eu não **conhecia** nenhum homossexual porque obviamente não queria. Bastava-me reconhecer alguém como homossexual para deixar de considerá-lo seriamente como pessoa. Ele poderia ser inteligente, corajoso, bom ou espirituoso, virtuoso ou torturado — não importava. Eu sempre o via, na melhor das hipóteses, como ridículo, e na pior — de novo a palavra — sinistro. (Acho por sinal significativo que tantos homossexuais se sintam impelidos a forjarem uma camuflagem protetora, inclusive, se necessário, vangloriando-se de mulheres que tiveram, para não falar dos milhares de sutilezas menores, de forma que os heterossexuais só querem muitas vezes serem enganados, podendo assim continuar amizades que de outra forma seus preconceitos e eventualmente seus medos os forçariam a acabar).

Naturalmente, estou exagerando até certo ponto. Nunca fui um fanático vociferante, não me encarniçava contra homossexuais, pelo menos na frente deles, e nunca consegui engolir o prazer com que certos soldados contavam como tinham espancado alguma bicha num bar. Eu ostentava, em suma, o equivalente a um "anti-semitismo de cavalheiro".

A única coisa de notável sobre tudo isso é que eu nem de longe vivia numa cidade pequena. Nova Iork, sejam quais forem seus prazeres e desvantagens, não é o meio mais incivilizado, e embora fosse exagerado afirmar que sua atitude em relação aos homossexuais equivale à aversão do liberais ou radicais ao ouvirem alguém pronunciar palavras como "nigger" ou "kike" (1), existe não obstante uma boa dose de tolerância e empatia. As divisões rígidas e apressadas entre homossexuais e heterossexuais na sociedade muito freqüentemente não podem ser distinguidas. Nos últimos sete ou oito anos, eu tivera oportunidades mais que suficientes para aprender alguma coisa sobre os homossexuais, se quisesse, mas obviamente não o fiz.

É uma pena que eu não compreenda as raízes psicológicas da minha mudança de atitude, pois com isso poderia aprender algo de valioso. Infelizmente, não compreendo. O processo a mim se tem apresentado como racional, na medida em que o estímulo veio aparentemente de leituras, e não de experiências pessoais importantes. O único indício de que minha prevenção estava diminuindo foi que minha mulher e eu aos poucos fizemos amizade com o pintor homossexual do apartamento ao lado. Simpático e amável, ele era um bom vizinho, e passamos a contar com ele em várias pequenas coisas. Estava subentendido que ele era homossexual, mas nunca falamos a respeito. Entretanto, como grande parte de sua vida pessoal não podia ser comentada entre nós, a amizade era limitada. Eu o aceitava da maneira como um banqueiro de província poderia ter aceito há cinqüenta anos um "bom" judeu.

Por essa época, recebi um exemplar de **One**, que estava sendo enviado pelos editores a muitos escritores. Lembro-me que li a revista meio interessado e meio divertido. Algumas coisas nela causaram impressão desfavorável. Achei em geral pobre a qualidade dos textos (muitas pessoas com quem falei concordam que desde então melhorou), e tive minhas dúvidas sobre a oportunidade de aceitar anúncios ambíguos numa revista supostamente séria. (Na verdade, é o que ainda penso, quaisquer que sejam os problemas financeiros). Mas havia inegável militância e honestidade no tom editorial, e embora não me fosse simpático julgo poder dizer que pela primeira vez em minha vida não me era antipático. E, mais importante ainda, minha curiosidade foi despertada. Semanas depois, perguntei a meu amigo pintor se me emprestava seu exemplar de **The Homossexual in America,** de Donald Webster Cory.

A leitura foi uma experiência importante. O Sr Cory me parece um homem modesto, e acho que seria o primeiro a admitir que embora seu livro seja muito bom, cerradamente argumentado, serenamente persuasório, dificilmente será um grande livro. E no entanto, posso me lembrar de poucos livros que tenham ferido tão radicalmente meus preconceitos e tão profundamente me tenham alterado as idéias. Resisti a ele, contra-argumentei suas colocações à medida em que lia, fiquei muitas vezes irritado, mas não podia evitar a depressão de que vinha agindo como um fanático na questão, e "fanático" era uma palavra que eu não gostava de aplicar a mim mesmo. Com isso veio a percepção de que estava me impedindo de entender uma grande parte da vida. Tal pensamento é sempre inquietante para um escritor. Um escritor conta com seu talento, depende até certo ponto do uso que dele faz. Ele pode crescer como pessoa ou se retrair, e com isso não pretendo qualquer paralelo fácil entre moral e crescimento artístico. O escritor pode tornar-se um arruaceiro privilegiado, se necessário, mas não devem falhar sua vigilância, sua curiosidade, sua capacidade de reação ante a vida. O mais fatal é retraiar-se, interessar-se por menos, aceitar menos, ressecando até o ponto em que a vida perde seu sabor e nossa paixão pela compreensão humana se transforma em aborrecimento e repulsa.

Assim, enquanto eu lia o livro do Sr Cory, vi-me na verdade pensando, Meu Deus, os homossexuais também são gente. É inevitável que isto pareça inacreditavelmente ingênuo aos leitores homossexuais de **One** que têm a dolorosa consciência de que são realmente gente, mas o preconceito está amarrado à ingenuidade, e mesmo despir-se dele, especialmente de forma abrupta, tem algo de ingênuo. Não tentei esconder isso. Relendo este artigo, percebo que o tom é ingênuo, mas não interessa alterá-lo. Não se pode encarar sofisticadamente da noite para o dia uma questão à qual nos recusamos sempre.

Seja como for, comecei a encarar de frente minha prevenção homossexual. Há alguns anos eu era um socialista libertário, e em todas as minhas convicções estava implícita a idéia de que a sociedade deve garantir a cada indivíduo sua própria maneira de se descobrir. O socialismo libertário (a primeira palavra é tão importante quanto a segunda) implica inevitavelmente que se respeitem as variedades da experiência humana. Fundamental a todos os meus pensamentos era que as relações sexuais, acima de tudo, exigem sua própria liberdade, ainda que esta liberdade redunde apenas em compulsão ou necessidade. Pois o fato é que, em contrapartida, a história certamente já se deu suficientes exemplos da relação entre repressão sexual e repressão política. (Uma fascinante tese a respeito é **A Revolução Sexual,** de Wilhelm Reich.) Acredito poder dizer que pela primeira vez eu compreendia que a perseguição homossexual é um ato político e reacionário e não deixei de me envergonhar de mim mesmo.

No lado positivo, percebi nos meses seguintes que muita coisa se abria para mim — para resumir, ainda que grosseiramente, senti que compreendia melhor as pessoas e a vida. Minha visão de mundo sofrera um impacto e as zonas de sombra e luz se deslocavam, o que equivale a dizer que eu estava aprendendo muito. Num nível talvez embaraçosamente pessoal, descobri uma outra aquisição. Não existe, provavelmente, um único heterossexual sensível que não se preocupe uma vez ou outra com sua homossexualidade latente e, embora eu não tivesse desejos homossexuais conscientes, mais de uma vez me perguntara se na verdade não havia algo de suspeito em minha intensa aversão aos homossexuais. Como foi agradável descobrir que desde o momento em que se consegue aceitar homossexuais como verdadeiros amigos, a tensão se vai. Percebi que já não me preocupava com a homossexualidade latente. Ela parecia imensamente menos importante, e paradoxalmente me permitiu entender que na realidade sou com efeito bem heterossexual. Tornaram-se possíveis amizades íntimas com homossexuais, sem desejo sexual ou mesmo sugestão sexual — ou pelo menos nada mais que a sugestão sexual que está presente em todas as relações humanas.

Entretanto, eu tinha um problema especial nessa época. Estava terminando **The Deer Park,** meu terceiro romance. Há nele um personagem secundário chamado Teddy Pope, que é estrela de cinema e homossexual. Nos dois primeiros esboços ele existira como um estereótipo, motivo de riso; era visivelmene afetado, e portanto ridícullo. Uma das razões que me faziam resistir tanto ao livro do Sr. Cory era que eu começava a me sentir inquieto com a caracterização que construíra. Na vida existem quantas pessoas ridículas se quiser, mas no fundo eu estava dizendo que Teddy Pope era ridículo por ser homossexual. Eu já estava insatisfeito com a caracterização mesmo antes de ler **The Homossesual in America**, ela já me parecia muito exclusivamente recortada em malícia, mas acho que provavelmente a teria deixado assim. Depois do livro do Sr. Cory, isto já não era possível, já não acreditava em Teddy Pope tal como o delineara.

Uma última observação. Se o homossexual pretende algum dia conquistar igualdade social e aceitação reais, também ele terá de percorrer o duro caminho de se despir de seus próprios preconceitos. Impelidos à rebeldia, é natural, ainda que lamentável, que muitos homossexuais tomem a direção de supor que existe algo de intrinsecamente superior na homossexualidade, o que, levado muito longe, é um ponto de vista tão absurdo, ridículo e anti-humano quanto o preconceito dos heterossexuais. Finalmente, os heterossexuais também são gente, e a esperança de aceitação, tolerância e simpatia deve repousar nesta compreensão recíproca. 1954

(1) **Nigger** e **kike:** DEPRECIATIVOS; RESPECTIVAMENTE; PARA NEGRO E JUDEU:

Tradução de Clóvis Marques

APPAD
associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever

Cassandra Rios ainda resiste

Quando se entra no pequeno apartamento de Cassandra Rios, o mundo desaparece detrás da gente. Tem-se a impressão de estar em lugar algum e em todos os lugares — pode ser São Paulo, uma vilinha no interior da Espanha ou até mesmo a Disneylândia. As paredes, totalmente revestidas de cortiça, estão cobertas por retratos antigos, penduricalhos e pinturas da própria Cassandra; sobre os móveis, mimosos objetos descobertos e feitos por ela — inclusive três minúsculas esculturas em barro, de suas cachorrinhas Bethânia, Wendy e Gabriela; em cada canto, um abajur sustentado por um ànjo, iluminando os sofás antigos. A gente se vê dentro de um ninho. Não adianta querer comparar; tudo aquilo é Cassandra.

Fomos entrando como um bando de curiosos, mal escondendo nosso ingênuo desejo de conhecer aquela mulher maldita que líamos secretamente em nossas adolescências; éramos: Mirian Paglia Costa, Maria Adelaide Amaral, Darcy Penteado, Marisa Correia, João Silvério Trevisan, Glauco Mattoso. Queríamos evidentemente revelar. Mas Cassandra Rios não permite que Odete Rios fale. Prefere dar a palavra a seus personagens.

Diante dela, padrões e referências se esvaziam; dificilmente podem ser usadas as categorias dicotômicas de bom/ruim, bandido/mocinho, reacionário/progressista. Cassandra vira a mesa, deixa a gente nocauteado, perplexo, duvidoso. E fascinado. Acredita que todo escritor é um delirante. Ela própria não é uma mulher comum: sofisticada, cafona, vidente, moralista, excêntrica, provinciana, rebelde, reprimida — um emaranhado que não cabe em esquemas acadêmicos, porque ela os estoura. Trata-se de uma escritora antigênio, despreocupada com estilos e estruturas, simplesmente às voltas com o mundo secreto dos seus personagens. Cassandra está noutra. Fica irada e depois ri de um mestrezinho em sociologia que — ansioso por fazer carreira universitária — apanhou a fórmula Marx-Freud-Reich e caiu de pau em cima dela; Cassandra Rios foi ntão acusada de decadente, entre outras coisas. Mas a Cassandra caipira-ingênua pergunta: "Que mal fiz eu a esses senhores,tão respeitáveis?"

Assim é: proibida pela direita, desprezada pela esquerda, Cassandra Rios me lembra uma bruxa perseguida (e **bruxa** aqui tem o sentido que as feministas recuperaram: aquela que se rebelou contra padrões sócio-culturais impostos). Mais do que isso, Cassandra parece um fruto típico dessa grande alquimia à base de ingredientes contraditórios e desconhecidos, que Cabral inaugurou ao conquistar para a Europa estes Brasis — tantos num só. Descobrir Cassandra é isso: tão desconcertante quanto descobrir o Brasil. As fórmulas precisam adaptar-se a ela, porque numa Cassandra Rios a gente vai descobrindo um número incontável de personagens, todos infalivelmente chamados Cassandra.

Fotos de Dimas Schtini

Trevisan, Darcy, Cassandra

No Grupo: Maria Adelaide, Mirian e Mariza

Marisa — Eu gostaria que tu começasses contando alguma coisa a respeito de números, porque depois, no final, a gente fica mais alegre e esquece das coisas...

Cassandra — Números?

Marisa — É. Tiragem dos teus livros, número de livros proibidos...

Cassandra — Posso fazer uma sugestão? Vamos fazer uma coisa nova, autêntica, real, porque desde que eu me conheço por Cassandra Rios — não por Odette Rios (seu verdadeiro nome), mas como Cassandra Rios — as perguntas são as mesmas, a tiragem dos livros... Darcy Penteado sabepor que o autor fala uma coisa, o editor outra, o livreiro outra, e o jornalista vai falar outra bem diferente...

Darcy — Mas nós viemos dispostos a fazer outras perguntas.

Marisa — Claro. Essa é só pra começar, pra gente ter uma idéia, porque essa pergunta está encaixada com uma outra muito importante, uma coisa que a gente estava discutindo um pouco antes, que é o problema da proibição: eu estava sugerindo que a proibição dos teus livros não é só pelo tema de que eles tratam, mas está ligada ao fato de que tu vendes muito.

Trevisan — Mas parece que você tem uma proposta para essa entrevista...

Cassandra — Sim, para começá-la. Muito importante, aliás. Vocês vão dar risadas, mas isso é verdade: aconteceu em 1971, 1972, nunca comentei porque iam me achar ridícula. Agora o assunto está sendo comentado em todo canto, e isso veio de encontro a uma certeza minha de que na época em que eu vi aquilo, muita gente viu também. Eu estava com uma outra pessoa, nós prometemos não divulgar, porque iam nos chamar de loucos, de ridículos, de estúpidos. Vocês já devem saber o que é, né?

Darcy — Já sei: disco voador.

Cassandra — Coisa impressionante, que eu fiquei observando assim durante umas três, quatro horas. Em frente à casa da minha mãe, de madrugada. Eu fiquei sabendo pela televisão, por comentários, que mais trinta pessoas viram aquilo à mesma época. Aconteceu o seguinte — nós nunca comentamos...

Trevisan — Você e quem?

Cassandra — Eu e outra pessoa que até hoje não quer ser mencionada, não fale pelo amor de Deus. Nós tínhamos ido a um cinema, depois fomos jantar no Piolim; então, pelo cálculo — nós fomos à sessão da meia-noite — devia ser três, quatro horas da manhã. Terminamos de jantar, saímos e ficamos batendo papo. Então, estacionei. Como meu carro é grande, quando fui abrir a porta para descer, demos um safanão um no outro, porque nós vimos aquela luz muito alta, uma luz que estava parada e desceu repentinamente, fez **supt...** Eu não vi forma, só luminosidade, só a força da luz, muito branca e parada. Então ficamos assim... Parecia uma coisa que estava agarrando a gente, foi impressionante.

Adelaide — Mais ou menos que altura? A altura em que passa um avião, um helicóptero, um satélite?

Cassandra — Acima das estrelas. Eu tive noção, inclusive, pela primeira vez, da altura das estrelas. Porque a gente olha e não tem noção, não tem perspectiva em relação a elas, você vê os pontos luminosos no céu e pronto. Agora, aquele ponto se destacava, porque eu via as estrelas como se estivessem todas espetadas no céu e aquela luz mais em cima, bem pra cima. Depois ela desceu e as estrelas ficaram acima.

Trevisan — E era muito mais ampla?

Cassandra — Maior, muito maior.

Adelaide — Mas não era uma estrela cadente?

Cassandra — Não, se fosse ela cairia assim, em perpendicular, como em geral acontece. Essa não. Ela desceu, subiu, foi pra direita, foi pra esquerda, depois subiu em linha reta. Não tinha facho de fumaça, nada. Eu fiquei lá por umas três, quatro horas, vendo essas evoluções, impressionada.

Adelaide — Agora, para que ninguém te chame de louca, vou te falar uma coisa.

Cassandra — Você também viu?

(Adelaide conta como foi sua experiência com um desses objetos voadores não identificados. Todos escutam muito atentos) —

Marisa — (Dirige-se a Cassandra) **— Mas você queria falar nisso por que?**

Cassandra — Porque eu acho isso mais importante que falar em livro. É uma coisa que me impressionou uma barbaridade. E pelas conseqüências posteriores. Porque uma vez eu vinha de Petrópolis para São Paulo, e então tive a impressão de que ia ver aquela coisa outra vez. Eu tive essa sensação, mas foi um reflexo muito rápido. Eu falei, "ah, estou ficando biruta", estou criando coisas. Mas fiquei com aquilo na cabeça, e me deu uma inspiração. Tanto que quando cheguei em São Paulo escrevi um livro, **As mulheres de cabelos de metal** (ri).

Marisa — Olha aí: já apareceu um livro. E você não queria falar neles.

Cassandra — Está vendo? Uma coisa não subsiste sem a outra. Acho que eu não existo sem meus livros e eles não existem sem mim. É óbvio. Acho que é um eterno quiprocó.

Adelaide — Mas por que isso foi importante pra você?

Cassandra — Porque foi então que eu começei a descobrir que certas coisas me aconteciam com freqüência. Por exemplo: uma vez, era meu aniversário, uma amiga minha chegou e me disse — "trouxe um presente pra você"; Eu falei assim, "e se eu disser o que tem aí dentro?" Ela duvidou e eu lhe disse: "um par de meias". Ela respondeu, "é presente de pobre, mas você queria isso". E eu acrescentei: "É, mas é um par de meias de xadrez cinza e azul". Ela ficou abismada, não acreditou. Não sei como, mas de repente eu sabia. De outra vez, eu tinha uma sócia na minha livraria...

Marisa — Que livraria?

Cassandra — Era Livraria Cassandra Rios, depois foi mudando de nome para Dracma, Drugstore. Eu tive durante seis anos essa livraria. Ela foi crescendo, crescendo, no fim tive que acabar, porque senão ou escrevia livro ou lidava com comércio. Pois bem: então minha sócia me deu um presentinho também, e eu lhe disse: "Dentro desse pacote tem uma canetinha". E arrisquei: "Uma canetinha chinesa, de madrepérola, com um cordãozinho roxo. Verde, com cordãozinho roxo". E era exatamente isso. Tem ainda outra história...

Vera — A do garçom?

Cassandra — Ela é testemunha. Pois é. Às vezes eu penso, será que eu recebo alguma descarga, ou estou vendo coisas? Nós fomos à casa da minha tia em Santos, começamos a rodar pela praia. Aí eu falei: vamos jantar aqui. Entramos num restaurante que eu nem conhecia, eu estava triste por causa da proibição dos meus livros, numa fossa, me lamentava muito. De repente eu olhei para o garçon e me disse: "Não, tem alguém que está mais triste e mais só do que eu". Ele chegou perto de mim e eu perguntei: "O senhor é de Palmeira dos Índios?" Ele ficou branco e falou: "Mas como é que a senhora sabe?" Eu nunca ouvi falar antes de Palmeira dos Índios,

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

— Não se fala de moral sem falar em pecado

mas de repente eu sabia que aquele homem era de lá, e que tinha sofrido lá uma coisa muito triste. Ele pensou que eu era da polícia e desapareceu do restaurante. Na segunda vez que estive lá, ele me viu e disse, bem alto: "Ih, estragou minha noite".

Darcy — E você considera essa premonição como uma...

Cassandra — Eu me sinto ridícula em falar dessas coisas, sabe?

Marisa — Você já ouviu falar numa escritora inglesa chamada Doris Lessing? Uma das coisas que ela usa nos romances dela é explorar o território dos sonhos, sabe? Voltar a lugares já visitados nos sonhos, sentir um pouco mais aquele lugar já visto antes, tentar apreender aquela situação, tentar revisitar as mesmas pessoas que apareceram em outros sonhos. Então, esse tipo de coisa já te aconteceu? Você tem alguma ligação forte com sonhos, por exemplo?

Cassandra — Não, com sonhos, não (**Chega Miriam. Discutem onde ela deve sentar**).

Darcy — A pergunta que eu queria fazer é a seguinte: você considera essa premonição como um benefício ou um malefício para as pessoas?

Cassandra — Olha, não é benefício nem malefício. Pra mim, pelo menos, não. Porque eu nunca previ a loteria, nada dessas coisas... Eu fico assustada. E depois, é uma coisa que acontece quando eu menos espero. Estou conversando, e de repente digo, "olha, vai acontecer tal coisa". E acontece. Isso sempre de repente, mas acentuou-se ultimamente.

Adelaide — Você nunca trocou correspondência com Chico Xavier, por acaso?

Cassandra — Não. Ele mandou um livro pra mim, uma única vez. Eu estive uma vez lá no Zé Arigó, por causa de uma doença de família. Minha mãe pediu que eu fosse, eu fui. Fomos numa excursão, visitando todas as cidades, até chegar a Congonhas. Eu fiquei conhecendo Arigó e ele me impressionou terrivelmente, porque eu estava ali no meio de toda aquela gente e tinha certeza que ele não me conhecia nem tinha me visto antes. E de repente ele apontou pra mim, me chamou e disse: "Olha, vocês já viram uma rosa secar? Através dessa moça vocês vão ver que eu não tenho premonição, que eu sei o que vai acontecer. Ela vai ser perseguida, ela vai desfolhar feito uma rosa, mas..." Olhou pra mim e disse: "Você está duvidando?" Fiquei calada, olhando pra ele, e ele afirmou: "Você está duvidando". E prosseguiu: "Pela maldade alheia, é por isso que você vai ser perseguida". Isso foi mais ou menos em 1959, por aí, 1960.

Trevisan — Naturalmente, isso era uma referência à censura...

Cassandra — Tinha que ser, não é? Porque eles queriam... Ele disse: "Você tem dois nomes e não gosta de divulgar um deles". De fato, eu tenho horror ao meu outro nome. Mas ele falou, "seu outro nome vai ser revelado". Eu saí rindo de lá...

Adelaide — Você encara a premonição como um fenômeno natural?

Cassandra — Acho que está completamente desvinculado de qualquer crença. Acho que é um fenômeno natural, porque se não, eu ia tentar adivinhar quem é que está querendo se comunicar comigo. Mas é uma coisa que vem assim de repente. Tanto que tenho algumas amigas que se eu gritar "fogo!", elas saem correndo na hora. Os outros podem gritar que elas nem ligam. (**Volta-se para Dimas Schtini, o fotógrafo lampiônico**) Você está gastando muita chapa comigo... (**risos**)

Trevisan — Em seu livro "Censura" você alude ao fato de ter freqüentado o círculo esotérico quando criança.

Marisa — A coisa mais importante no livro (que é autobiográfico) **é a sensibilidade extrema que ela tinha para determinar coisas, não é?**

Trevisan — Mas não é isso. O que estou falando do círculo esotérico é que, de repente, fico pensando: será que aquilo não é parte da história de Cassandra Rios? Não é na verdade um fato que não veio de repente em sua vida, mas que vem se desenrolando? Porque eu acho que tem muito a ver com sua obra. Acho que sua obra tem muito de mistério nos personagens. Tem alguma coisa... Inclusive eu tentei escrever a respeito. Não conheço muita coisa de sua obra, conheço pouquíssima coisa, mas seus personagens são um pouco figuras ultra-sensíveis em luta com a sensibilidade deles, ou melhor, a sensibilidade deles em luta com a sensibilidade do mundo exterior.

Marisa — Ou com a insensibilidade...

Cassandra — Quem pode falar de círculo esotérico é minha mãe, porque eu nunca gostei dessas coisas, não entendo nada...

Marisa — No "Censura" tua mãe é uma figura muito forte. Ela é espanhola...

Adelaide — Ela lê suas coisas, Cassandra?

Cassandra — Não. Talvez porque a gente nunca aprecia o que é feito em casa, né? Gosta mais da comida do vizinho... (**ri**)

Darcy — Mas você não tem com sua mãe um relacionamento que lhe permita dar a ela o livro e dizer "leia e me diga o que você achou?"

Miriam — Deixa eu perguntar uma coisa: em várias entrevistas que você concedeu, você confessa que teria feito um trato com sua mãe; no dia em que ela lhe emprestou dinheiro para editar o primeiro livro, você fez um trato com ela para ela não ler...

Cassandra — Fiz, realmente, mas não foi só pelo argumento. É porque todos nós da geração, da década de 40, tínhamos muitos escrúpulos e tabus relacionados a sexo. Hoje as pessoas falam de tudo, mas naquela época era um horror. Então... (**Segue-se uma discussão entre Darcy e Cassandra; ela diz que sua mãe, de 78 anos, lê o que o filho escreve; ela responde que nunca deu um dos seus livros à sua mãe, de 76; Darcy arremata, dizendo que sua mãe lê LAMPIÃO. Cassandra se justifica**) Preste atenção: o homem liberta-se mais fácil de condicionamentos e pudores que lhes foram inculcados. A mulher é radical, ela cria raízes. Até o fato de ela chegar perto da mãe com uma roupa transparente, é uma coisa... Veja só, hoje em dia é diferente; mesmo assim, são poucas as crianças que chegam em casa e falam tudo, dos seus problemas, suas tendências, seu ego, suas preferências. Ninguém chega em casa e fala: "Eu sou assim, penso assim e ta!". Há sempre uma reserva, a diferença de idades cria esta reserva entre as pessoas.

Marisa — É bom estar entrando por este lado, falar na especificidade da situação da mulher e tal. Outra coisa que está ligada a isso é que em "Censura" você diz que seus livros são moralistas. Você gostaria de escrever coisas mais diretamente ainda do que escreve. Embora a censura já ache demais, você não gostaria de largar um pouco mais as velas, ou algo assim?

Cassandra — Não, porque eu nunca me prendi. Quando estou escrevendo não penso que existem amarras, que existem craveiras limitando aquilo que eu tenho de dizer. Eu me liberto completamente.

Marisa — Mas então por que o moralista?

Cassandra — Porque eu sinto que é. Porque eu me inclino para o lado psicológico, os problemas íntimos, particulares das pessoas. Nós estamos sempre nos fazendo perguntas, não é verdade? Meu moralismo está nisso. Eu nunca apregoei vícios, nunca fiz um manual de pornografia. Porque aqui no Brasil, a noção do que é pornografia está errada. (**Adelaide lembra Nélson Rodrigues**) Pois é: eu não posso falar de moral sem falar em pecado. Olha, eu me acho até rigorosa, inclemente, porque, pelas cartas que recebo, as pessoas acham que eu não perdôo o pecado. Mas eu sou assim. Na vida real, se a gente comete uma falha, uma coisa errada, a gente se diz, "puxa, eu não devia ter feito isso". Não é? Pois então: meus personagens são irreiais, mas como a ficção imita a realidade, eles também são punidos, castigados quando falham. Eu acredito nisso. Tanto que até criei um provérbio meu, um adágio, que diz assim: "E assim a vida se sucede,/tudo que de mal se faz,/tudo se recebe./O troco certo e mais o pagamento,/o juro exato no devido tempo". Nada fica sem troco aqui. Nada. Absolutamente nada.

Trevisan — Mas isso é esotérico demais...

Marisa — Não, isso é uma noção de culpa bem ocidental, que todo mundo tem encravado dentro de si. Por isso perguntei se tu sentias necessidade de soltar mais as coisas...

Cassandra — Não, eu gostaria que surgisse um personagem que terminasse impune apesar de todos os crimes. Mas ele não aparece, não vem.

Darcy — Você acha que o pecado é um problema de consciência ou inconsciência? Porque eu acho que tudo o que é feito conscientemente não é pecado.

Cassandra — Olha, eu já tive várias noções a respeito do pecado, do que é ou deixa de ser pecado. É aquilo que a gente pratica de mal pros outros se reverte em nosso prejuízo.

Darcy — É problema da consciência.

Trevisan — Aí vem o problema do mal. Que é mal para os outros? Por exemplo: teu personagem Marcelina morre de sentimento de culpa por ser prostituta. Apesar de todo o tempo ela dizer que é dona do desejo dela, o que eu acho muito bonito... Mas ao mesmo tempo vem o problema do sentimento de culpa, que não a solta absolutamente.

Cassandra — Marcelina não escolheu, não optou, não decidiu. Ela nasceu prostituta no sentido de ter o homem que ela quisesse, com a liberdade do homem, que o homem tem. Mas também não se preocupou com a emancipação da mulher, com direitos femininos, nada. Ela simplesmente, com toda a naturalidade, ficou parada; um homem aproximava-se dela, ela gostava, ele ia pro seu caderninho. Marcelina era isso porque ela não teve escolha, não decidiu. Do mesmo modo que um homossexual é homossexual porque é. Não adianta discutir.

Marisa — Mas espera aí. As pessoas não são sua natureza. As pessoas são também o mundo social que têm em volta. Então, Marcelina parece uma força da natureza.

Trevisan — Em choque...

Cassandra — Mas ela tinha amarras, tinha preconceitos...

Trevisan — Que são, eu acho, de ordem social.

Miriam — Era exatamente isso que eu gostaria de colocar: Acho que nessa discussão as coisas se fecham no seguinte: a obra de Cassandra é uma grande oposição entre o consciente e o inconsciente, exatamente como o Darcy falou. Quer dizer, na medida em que você tem consciência da coisa, sua consciência é punitiva. Na medida em que você tem consciência da coisa, você solta seu inconsciente, você vai com ele no caminho do prazer, no caminho da emoção, até o fim. Mas acontece o seguinte: mesmo que você não tenha a consciência por você, a sociedade tem. É por isso que nunca vai aparecer um personagem dela que acabe bem. Porque nós estamos aí e tem toda essa consciência, e a sociedade também está aí para nos lembrar disso.

Trevisan — Agora, Cassandra, é que entra o homossexualismo, entende? Dentro dessa situação aí. Seus personagens homossexuais são muito sofredores. Seria também nesse sentido? O choque?

Cassandra — É no sentido de colocação, de posição, de aceitação, de tudo: de imposição não só da sociedade como do próprio homossexual. Homossexualismo, você não pode generalizar, você tem de individualizar; é um por um, cada um apresenta um motivo, tudo depende das influências, do meio, de suas próprias idéias, tudo.

Darcy — Você não acredita no homossecual absolutamente integrado à sua homossexualidade e feliz?

Cassandra — Acredito. Eu criei um personagem assim. E o livro foi proibido depois de estar na vigésima-segunda edição, em 1954. Eu nunca mais editei o livro. Foi proibido, ele me levou à justiça várias vezes: começou na segunda Vara, foi parar na nona. Me acusaram de "atentado à moral e aos bons constumes". Isso em 1954. No livro, a homossexual é simplesmente aquilo que ela quer ser; ela enfrenta seus problemas, que todo o mundo os tem, mas no final é feliz. Termina bem, porque termina como ela queria. Então discutiram comigo: "não é possível escrever um negócio desses". Cheguei até a ser multada. Até que teve um dia em que eu disse: "Não vou mais". E o caso correu à revelia, porque eu não dormia tranqüila, um juiz passava para o outro, pelo amor de Deus... Já disseram que eu devia mudar o título e publicar, mas não faço isso. Seria a mesma coisa que pegar um machão dentro de casa e vesti-lo como um traves-

A obra de Cassandra Rios

Seus livros publicados na

GLOBAL Editora

— Mutreta	Cr$ 80,00
— As mulheres dos cabelos de metal	Cr$ 70,00
— O Bruxo Espanhol	Cr$ 80,00
— A Paranóica	Cr$ 90,00
— Censura	Cr$ 60,00
— Marcelina	Cr$ 80,00

Próximo lançamento

Cassandra Rios
UMA REVOLTA: UM NOVO LIVRO
A SANTA VACA

A santa vaca

Em outubro em todas as livrarias

Pedidos à Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua José Antônio Coelho 814
CEP 04011 — São Paulo
Tel. 549-3137

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

—Nos anos 50 era bem mais difícil

ti; iria ficar todo desengonçado, não é? (**Segue-se uma discussão sobre travesti. Cassandra elogia o pessoal que se veste de mulher, Darcy faz restrições. Fala-se do livro "As Vedetes", de Cassandra, que se passa no ambiente do teatro de revista**)

Miriam — Eu queria aqui fazer uma homenagem à minha amiga Silvia Bahiense, que não pode vir, mas estava impressionadíssima com esse teu livro. Ela me disse que num determinado período, ali pelos anos 50, a expressão da homossexualidade feminina era bastante difícil, muito complicada. E uma de suas saídas — que você consegue mostrar nesse livro — era exatamente torcer pelas vedetes, sair com as vedetes, procurar a companhia das vedetes. Como é essa história? Você vivia isso? Você conheceu esse meio? Como é que você percebeu isso?

Cassandra — Eu freqüentava, sim, fiquei conhecendo, eu fui sofrendo conforme foram derrubando aqueles grandes teatros, Santana, Paramount, Odeon. Acabei levando meus personagens para as coxias. Agora não me baseei em ninguém para escrever o livro, foi tudo inventado. Agora naquela época falar sobre homossexualismo era algo terrível, certo? Então, as pessoas que eram homossexuais, e que saiam naquelas revistas — **Indiscreta,** essa coisa toda, a imprensa marrom — escondiam-se, viviam arredias, fugiam, era uma coisa terrível. Então, ninguém se comunicava, ninguém chegava um para o outro e dizia: "eu sou, eu não sou". Todo mundo se disfarçava.

Darcy — Para as mulheres era muito mais fácil, de qualquer maneira.

Cassandra — Não, era muito mais difícil. A educação sexual...

Darcy — Nesse terreno, você acha que se um aluno descobrisse que é homossexual e recorresse ao professor em busca de uma orientação, você acha que o sistema permitiria que o professor esclarecesse o assunto, particularizasse, talvez? Ele se arriscaria?

Cassandra — Acho que não. Porque o professor está ali para ensinar, e não para resolver casos. Então, se ele der uma aula sobre homossexualismo, ele vai se limitar ao que está no seu currículo. Ele vai explicar: "homossexualismo é isso, e isso, e isso", mas dentro da conceituação dele, dentro das normas que ele foi preparado para ensinar, de acordo com o sistema. Porque um professor, mesmo estando contra o sistema, será obrigado a ensinar aquilo que o sistema exige, e então ele vai dizer para o aluno: "O HOMOSSEXUALISMO É UMA COISA ANORMAL".

Miriam — Eu queria ligar essa pergunta com a anterior, quando você dizia que tem a sensação de que seus livros são proibidos porque mexem com alguma coisa no sistema. Eu quero dizer o seguinte: talvez até eu esteja respondendo à pergunta por você, mas acho que se o professor se dirigir ao aluno colocando o homossexualismo de uma maneira aberta e livre, ele criará o mesmo problema que você cria para a Censura. Porque o sistema está baseado sobre uma organização que se chama família. A partir do momento em que você dispõe de algum campo que não seja o relacionamento "normal", você está realmente mexendo no ponto fundamental do sistema. Tanto que a argumentação, todas as discussões que foram travadas no Congresso para a aprovação do decreto-lei 1077 — que é a base da censura prévia por razões de atentado à moral e aos bons costumes — tratam do atentado à moral e aos bons costumes como uma ameaça ao sistema porque outra ameaça à família. E quanto mais audiência um trabalho que não vai dentro desse sistema "normal" tiver, tanto mais ele será perigoso para aquele e sofrerá o perigo da censura. Se você tivesse apenas três leitores não seria censurada. Você é censurada porque é a TV-Globo da literatura brasileira.

Cassandra — Virgem santa! (**risadas**)

Trevisan — Eu trouxe um negócio pra mostrar, um estudo sobre você de alguém que não é do sistema. Sim, porque você é uma figura injustiçada na literatura brasileira, e não só pelo sistema. Esse cara aqui é um professor de duas faculdades de São Paulo. É um cara que faz uma análise marxista da obra de Cassandra, marxista e reichiana. Ele diz mais ou menos assim: Cassandra é perniciosa, porque numa entrevista ao Pasquim disse que "o homossexualismo é uma forma especial de amar como qualquer outra forma especial de amor"; ela se limita à descrição de cenas amorosas entre homossexuais, sem nenhuma contribuição que possa facilitar a compreensão da gênese social da homossexualidade. Agora a gênese, pra ele...

Marisa — Peraí: eu acho que a coisa que Miriam colocou era muito importante. A coisa da família. Quando Cassandra falou que achava que estava mexendo no sistema, ela estava tendo uma intuição que de fato me parece muito real. De fato, ela está mexendo em algo. E quando você fala sobre essa história de um menino perguntar sobre homossexualismo, eu falo o seguinte: e se uma menina pergunta sobre relações heterossexuais fora do casamento, não vai dar problema? Vai. De qualquer modo, ela acha mais interessante que essas questões sejam discutidas. Melho serem discutidas do que nem serem colocadas.

Cassandra — Lógico. Senão eu estaria contr tudo aquilo que fiz. Se eu achar que é errado ensinar corretamente, com honestidade, sexo no colégio, então eu estarei desonesta como escritora. Eu acho que é muito normal saber, normal não, é importantíssimo. Porque olha, quem lê um livro sobre homossexualismo e tende para essa preferência, o que aconteceu? Simplesmente tendências que afloraram. Agora uma pessoa que não é reacionária nem nada, apenas não tem o menor interesse físico pelo assunto; leu o livro, fechou, pronto; aquilo não a afetou em nada.

Marisa — É irônico, porque quando censuram seus livros estão, de fato, tentando censurar uma realidade que não se pode censurar, porque ela existe. Podem censurar seus livros sobre ela, mas a própria realidade...

Trevisan — Em "Censura" você fala que foi interpelada numa delegacia...

Cassandra — É, por causa do livro. Depois é que eu entendi tudo. Eles estavam apenas curiosos, queriam me conhecer. Porque depois eu procurei meu advogado, e ele investigou, disse que não havia denúncia, não havia ordem de proibição do livro, de apreensão, nada. Apenas me levaram para a delegacia e fizeram perguntas. Perguntaram quem era Sani, a personagem do meu livro **O Bruxo Espanhol.** Onde ela andava. Perguntas tão estúpidas... Isso foi em 1954, 1955. Havia inclusive oficiais de justiça que chegavam na minha livraria e diziam: "uma intimação, aqui". Então, eu precisei contratar um advogado, porque chegava no Foro, e não tinha coisa nenhuma. Queriam conversar, bater papo, me conhecer, ganhar um livro. Olha, aqui na portaria do prédio de vez em quando chega gente dizendo que é meu sobrinho, querendo subir. Fico pouco tempo aqui. Às vezes chego e o porteiro me diz: "fizeram até piquenique" na escada. Ontem mesmo fizeram isso, uma porção de estudantes. Queriam falar comigo, não tive jeito de mandar sair da escada. Comeram frango, tomaram coca-cola, me disseram que estavam fazendo trabalho escolar.

Trevisan — E as cartas dos leitores?

Cassandra — De todo teor, de toda classe. Muitas. Mas eu não aproveito nada do que me contam em meus livros. Porque se eu tivesse que aproveitar alguma coisa pra fazer um livro, eu não seria escritora, seria repórter. Quando eu começo a escrever um livro, de repente me dá vontade de escrever outro, começo três, quatro ao mesmo tempo. Hoje cheguei no editor e disse: "vou entregar o livro tal". E ele: "mas não era aquele outro?" E aí eu expliquei que comecei o primeiro quando estava na metade do segundo, e que interrompi este para continuar aquele.

Darcy — Você acha que vive no seu cotidiano a vida que gostaria de viver?

Cassandra — Não a que eu gostaria de viver; a que gosto de viver. Eu vivo aquilo que eu gosto. O que me desespera, às vezes, é o ato de escrever. Quando acabo — sim, porque meus personagens estão vivendo enquanto eu escrevo —, estou exausta, quero descansar, dormir. Mas enquanto escrevo... Meus amigos telefonam: "Vamos jogar buraco". Ah! Estou escrevendo um livro, assim, assim e tal: não posso. (**Alguém lembra que Cassandra parece com Maysa; fala-se de como a cantora era trágica e triste**) Sabe o que acontece? É que ela tinha a consciência de que era uma cantora. Você já imaginou a consciência de quantos personagens eu tenho?

Miriam — Sua fascinação então são os argumentos. Você precisa contar aquela história, não interessa a maneira como... Fausto Cunha uma vez fez uma beleza de crítica sobre o seu trabalho, e ele coloca a mesma coisa que eu sinto nos seus livros, que é o seguinte: você tem, realmente transparece, a fascinação do argumento, o delírio de escrever, de contar a história, uma febre novelesca, me parece; e no entanto, naquilo que se refere ao estilo, que é normalmente uma preocupação muito grande no escritor, em você isso não aparece.

Cassandra — É. Só uma vez eu não consegui contar a história. Porque quando me vem assim uma inspiração, me pega às vezes durante a noite, enquanto eu não levanto para passar aquele personagem para o papel não consigo dormir. Tenho de pegar e escrever. Agora, nisso, acho que ultimamente ando um pouco cansada; então quando vem a inspiração muito forte é a única coisa que me arranca da cama. Eu acordo porque consegui dormir forçando aquele personagem a sumir da minha cabeça, então eu acordo mais cedo, sete e meia, oito, nove horas da manhã, porque normalmente, eu acordo meio-dia, às vezes uma hora da tarde.

Miriam — Cassandra, você foi tantas vezes censurada, sofreu tantas perseguições, enfrentou tantos problemas, no entanto, eu li em algum lugar que você também foi agraciada com uma comenda de mérito social.

Cassandra — Exatamente. Esse é um fato histórico em minha vida, até engraçadíssimo. Eu estava na minha livraria, onde aparecia gente de tudo quanto é tipo: mendigo, louco, essas coisas todas que aparecem numa casa de comércio. Aí entrou um cara assim, com uns galões, todo fardado, eu pensei que fosse um porteiro de hotel. Ele parou na minha frente e disse assim: "Cassandra", **tum,** bateu os pés assim e tal, numa reverência, sabe todo protocolar. Falei, "pois não". E ele: "A senhora vai receber uma comenda do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais, não sei que, pá, pá, pá. Que dia a senhora quer que seja o coquetel?" Falei, "dia 30" (ri). O cara ficou olhando pra mim. Eu estava com pressa, arrumando os livros, e ele falou, falou, eu pensava: "Minha nossa senhora, me aparece de tudo, até louco fantasiado de porteiro de hotel..." O cara virou, foi embora. Cheguei em casa, fui almoçar, meu pai me disse, "estão falando uma coisa de você na televisão. Negócio de uma comenda, uma medalha". Falei, "o que, pai, e agora?" Faltavam três dias para o dia 30, e eu pensei que o cara fosse um maluco porteiro de hotel; podia ser até um coronel, um general, porque eu nem vi direito, só vi um homem todo fantasiado, estava até com vergonha. Fiquei num estado de nervos... No dia seguinte ele me procurou, era o coronel Maldonado. Ele chegou e disse assim: "Acho que você pensou que eu era algum louco, porque do jeito que me tratou..." Aí eu confirmei, "dia 30". Foi uma festa, a televisão filmou, a Avenida São João ficou assim lotada, gente dos dois lados pra me ver. Eu não entendi até hoje porque cargas d'água...

Marisa — E quedê a medalha?

Cassandra — Está lá dentro (**manda sua amiga ir buscá-la. Altos climas; arrastar de cadeiras, vozes que se cruzam, mãos ávidas avançam em direção à comenda que a amiga de cassandra exibe**)

Adelaide (a primeira a segurá-la) — **Olha só a data: 1964.**

Miriam — Cruz de mérito social. Quer dizer então que você e comendadora?

Cassandra — pelo amor de Deus, não publica isso. (**Ela lembra de outra homenagem, um diploma que a Secretaria de Educação de São Paulo lhe concedeu. Manda buscá-lo**).

Glauco — E olha em que ano, hem? 1966.

Trevisan — Mas então é uma bruta contradição da censura: proibir uma comendadora...

Glauco — Não é uma contradição, é um paradoxo. (Cassandra conta que à sua revelia, foi incluída entre os candidatos a deputado pelo MDB) **E o que você fez?**

Cassandra — Fugi pra Petrópolis. Fiquei um mês lá, sem dar notícias. Eles acham que ia ter milhares de votos. Não é que eu não tenha gostado, pelo contrário, fiquei muito honrada e estremecida, mas também fiquei apavorada. Como minha arte está em primeiro plano, eu teria que deixar a política para as horas vagas, por isso não aceitei. É verdade que eu poderia fazer alguma coisa pelos escritores, que formam uma classe muito sofrida, não têm garantias. Eu pensei, se eu entrar na política, vou brigar pela classe. Mas eu não tenho estrutura psicológica para agüentar a política.

Adelaide — Você leu o Relatório Hite?

Cassandra — Não. Estou desatualizadíssima, atualmente, porque só faço escrever, só me preocupo em repor Cassandra Rios nas livrarias. Porque me proibiram 36 livros, e então eu já escrevi outros nove. Eu tinha um padrão de vida correspondente àquilo que recebia desses 36 livros. Já imaginaram o choque? Eu não senti na hora, só vim sentir três anos depois, quando comecei... Porque não dou valor a bens materiais, mas sinto saudade daquilo que eu adquiri porque gostava. Então fui me desfazendo de uma coisa, de outra. Só na BR-116 eu tinha 24 mil metros quadrados de terras, fora outras coisas. Fui perdendo, perdendo, vendendo e nesses três anos as coisas foram declinando. Eu não ligo, não sofro com essa transformação do meu padrão de vida, mas as pessoas que me rodeiam sofrem. Porque comigo está tudo sempre bem. Eu tenho meu cantinho pra escrever, está tudo ótimo.

Darcy — Cassandra, você faria a sua autobiografia, dizendo tudo o que você talvez não coloque nos seus personagens?

Cassandra — Perfeitamente, senão não seria uma autobiografia. Faria um mergulho em profundidade, e publicaria em vida, se o Brasil tivesse condições para isso. Mas ele precisaria ser meu, o Brasil precisaria ser todinho meu, entende? Olhe, eu vou dizer uma coisa...

Mariza — Não diga não. Porque eu sei o que ela vai dizer: vai elogiar a censura, o que eu acho péssimo. É, eu sei, vai dizer que a censura te estimula.

Cassandra — Não é isso o que eu ia dizer. O que eu ia dizer é que ela fez um mal no passado, mas me fez um bem no presente e pro futuro. Explico: ela engavetou o que eu tinha feito, mas não me destruiu, então não conseguiu me fazer mal; ela só teria me feito mal se eu tivesse parado de escrever, tivesse secado.

Trevisan — Eles queriam isso.

Marisa — E fizeram mal a uma porção de leitores que não tiverem chance de ver algumas coisas suas. Algumas, não: a maior parte.

Cassandra — Sim, neste sentido de publicação, sim. Mas eles nunca me impediriam de escrever. Porque eu faria como John Milton, eu usaria velas, restos de velas, com cordão de sapatos faria novas velas, pegaria papel de pão, rasgaria roupas e continuaria escrevendo até ficar cega, como Milton ficou cego no cárcere por escrever suas obras. Ninguém, jamais, me impedirá de escrever. Porque cauterizar meu pensamento, quem vai? Ninguém. Isso é o dom maior que o ser humano possui. Então, fariam o que? Só se me pusessem num cárcere e falassem, não dêem papel, não dêem vela, essa mulher tem que ficar na mais completa escuridão...

Marisa — Não dá a idéia pra esses caras...

Um inédito de Cassandra Rios na página 16

ANASTÁCIA
CASSANDRA RIOS

Sensível aos problemas de uma sociedade que se desinfiltra da sociedade global, Cassandra nos apresenta as contrariedades e cofusões emocionais de uma classe mal compreendida e mal interpretada, que é a classe homossexual.

Neste romance são dissecados principalmente os problemas que implicam na desmoralização desta classe que procura defender-se fazendo valer os seus Direitos Humanos.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

SÍMBOLO

EDIÇÕES SÍMBOLO

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

Violação: ato de sexo ou de poder?

— Eles eram três e estavam armados de revólveres. Entraram em nossa casa pela varanda que dá para a encosta do morro, vieram para roubar. Estávamos todos lá: a dona da casa, uma senhora de 65 anos que nos alugava um quarto, sua empregada, uma mocinha negra, eu, meu marido e nosso filho de quatro anos. Eram nove horas da noite, e tudo foi muito rápido: eles deram ordem para que meu marido, que estava no quarto com a criança, não saísse de lá; pediram todo o dinheiro que havia na casa, nós demos. Foi quando a dona da casa começou a chorar. Um deles lhe disse: "Fique calma, titia, não vai lhe acontecer nada"; e deu uma ordem aos outros: "Tranquem a velha no banheiro". Depois cochicharam rapidamente entre si e, quando se voltaram, o que parecia o chefe anunciou, em voz bastante alta para que eu e a empregada ouvíssemos: "Vocês podem ficar com a crioula. A branca é minha." (S.S.M.)

Os crimes de violência sexual na França aumentaram em 60% em cinco anos, entre 1969 e 1974. Hoje em dia, a média é de 1500 violações por ano no país. O mesmo aumento vem se verificando nos Estados Unidos. Só em Nova Iorque, que funciona como uma espécie de ***medidor*** da sociedade norte-americana — é lá que todos os problemas atingem o extremo —, houve 2415 casos de estupro em 1971: em 1972 o número subiu para 3271 e em 1973 passou a 3725, o que corresponde a mais de dez por dia. Além disso, na França como nos Estados Unidos, as autoridades ainda não chegaram a um acordo — não se sabe ao certo se o número de ataques vem aumentando, ou se o número de vítimas que fazem queixas é que cresceu com relação a esse crime, e por força dos movimentos de liberação da mulher, os sociólogos notaram uma ligeira modificação no comportamento das vítimas quanto à violência sexual; se antes elas tinham vergonha de testemunhar e levar o caso adiante, agora parecem cada vez mais decididas a conseguir que a justiça seja feita, e passaram a usar, em sua defesa, não mais o velho argumento da honra perdida, mas sim o de atentado contra a sua liberdade sexual.

No Brasil, o estupro está enquadrado no artigo 213 do Código Penal e a pena imposta pela Lei é de três a oito anos, não importando a condição da vítima: maior ou menor, virgem ou não, "mulher honesta ou prostituta". Mas as estatísticas sobre o assunto são inteiramente falhas. No Rio, a polícia informava oficiosamente, em meados de maio, que até ali haviam sido registrados três casos em média, em cada uma das 57 delegacias policiais do Grande Rio, neste ano, o que dá um total de 171 estupros em cerca de quatro meses. Os próprios policiais, no entanto, se mostravam céticos, então, em relação aos números que apresentavam: "Em cada 100 casos de violência sexual, apenas um é levado ao conhecimento da polícia".

— Esperei que meu marido dissesse alguma coisa, através da porta do quarto entreaberta, mas ele permaneceu calado. Um dos ladrões chegou a dizer: "Manda o marido dela vir para a sala; ele não pode perder esse espetáculo. "Mas eu olhei para o que me escolhera e lhe pedi: "pelo amor de Deus". E ele repondeu: "Deixa o otário pra lá. Ele é dos que ficam quietos. "Um dos ladrões já agarrara a empregada, que choramingava. O chefe do bando me levou para o sofá, mandou que eu deitasse. De tão apavorada eu me engasguei, e comecei a tossir, descontrolada. Impaciente, ele se debruçou sobre mim e perguntou: "Como é que é? Vai fazer bonitinho, ou eu vou ter que lhe dar uma coronhadas?" Aí eu fechei os olhos e fiz de conta que estava muito longe dali. (S.S.M.)

As estatísticas sobre violação sexual no Rio, estão arbitrariamente divididas em dois tipos. Primeiro há os casos decorrentes de assaltos, que são a maioria. Depois, aqueles em que os criminosos são "desajustados do meio social", ou pessoas que "perderam momentaneamente o controle". Nesta última classificação, foi incluído o caso de Mônica Strachmann, a moça que matou Leopoldo Heitor Filho ao ser atacada sexualmente por ele.

No primeiro tipo de ataque sexual, segundo os estudiosos do assunto existem diferentes motivações, de acordo com o local onde ele foi efetuado. Em regiões mais pobres, como a Baixada Fluminense — ou mesmo nos morros, onde os agressores geralmente conhecem suas vítimas —, ele tem o objetivo de intimidar, de desmoralizar as famílias assaltadas, para evitar que estas procurem a polícia. Uma grande pesquisa feita na região da Cidade de Deus mostrou porque as jovens violentadas geralmente guardam segredo sobre o assunto: quando um caso desses é divulgado sob a vítima passa a ser considerada uma "mulher sem moral", e, portanto, sujeita a todo o tipo de assédios.

Em locais mais privilegiados como a Zona Sul, no entanto, é outro o mecanismo que faz com que os assaltos geralmente terminem em ataques sexuais; os juristas estão de acordo em que esses ataques têm a finalidade de vingar o desnível social existente entre a vítima e o agressor. "A humilhação não deixa de ser uma forma de o criminoso demonstrar sua repulsa contra esses desníveis. "Este teria sido o caso de S.S.M., moradora no bairro de Botafogo :

— Depois que o chefe do bando se levantou do sofá, o terceiro ladrão disse que também me queria. A empregada parara de choramingar, e o homem que a possuíra estava agora comendo umas frutas que havia sobre a mesa. Do quarto entreaberto não vinha o menor ruído. Eu estava meio fora de mim, teve uma hora em que pensei que, se fizesse força, poderia ouvir o som da respiração do meu marido. Os dois homens me arranharam toda, fizeram de propósito. O segundo ficou gritando no meu ouvido: "sua branca, sua branca", quando ia terminar. Depois eles saíram, nós soltamos a dona da casa que estava presa no banheiro, e lhe demos remédios, pois ela estava passando mal. Meu filhinho saiu do quarto e me perguntou: "O que foi, mamãe?" Meu marido ficou lá.

Mas a verdade é que se no Brasil as estatísticas da polícia — elaboradas apenas a partir de assaltos que terminem em ataques sexuais, ou de casos como o de Mônica Strachmann, em que sua reação violenta ao ataque resultou na morte do rapaz e na chegada do caso aos registros policiais — só permitem que se trace do estuprador um perfil bastante primário (ele é assaltante, ou desajustado social), nos países onde tais estatísticas são melhor elaboradas chegou-se a conclusões bastante surpreendentes sobre a sua ***natureza:*** ele é, na maioria das vezes, o que se poderia chamar de "um homem normal", casado, com filhos e dono de uma vida metódica e ordenada.

Uma pesquisa feita na França mostrou que dos 289 homens condenados por violência sexual no país em 1972, 157 eram casados; destes, 90 eram pais de famílias numerosas — de quatro a nove filhos. E, embora a maioria fosse de operários — 180 deles —, havia até mesmo dois de formação universitária e um "capitão de indústria". Um detalhe: desses 289 casos, 246 tiveram como vítima mulheres menores de idade, condição essencial, em qualquer país do mundo, para que a vítima possa almejar com segurança uma reação positiva da Justiça. Nos Estados Unidos apenas jovens adolescentes, que tenham sido atacadas de preferência dentro de suas próprias casas, é que despertam a piedade da Justiça. Naquele país, os juízes absolvem sumariamente os homens acusados de violência sexual, se eles conseguirem provar que suas vítimas, na ocasião do ataque, usavam minissaia ou não estavam de sutiã. E tão subjetivos são os processos utilizados pela justiça americana nestes casos que existem naquele país advogados do sexo feminino especializados em defender estupradores: a simples presença de uma mulher a defender o acusado já predispõe o juri contra a vítima. Além disso, esta vê sua vida ser levantada durante o processo em todas as minúcias, enquanto do acusado nada se pode dizer sobre seus feitos anteriores, sob a ameaça de ser anulado o processo.

Esse comportamento da Justiça, registrado em todos os países do Ocidente, quando a vítima é maior de idade, é que faz com qua a maioria dos casos de violência sexual jamais chegue às delegacias e aos tribunais: as vítimas preferem quase sempre "esquecer".

— Ele tinha sido amigo do meu pai. Quando me formei, aceitei seu convite para trabalhar em seu escritório de advocacia. Ele tinha uma filha alguns anos mais nova que eu e me tratava de um modo paternal, que sempre me encheu de orgulho. Quando aconteceu foi de um modo terrível, porque ele me agarrou em pleno escritório, no final do expediente, quando todos já haviam saído. Houve luta e eu bati com a cabeça contra uma estante, cheguei até a sangrar. Mas isso não o fez desistir. Ele era um homem muito forte e não se preocupou em ser delicado. Eu tive uma hemorragia e só por isso é que ele ficou assustado. Trouxe-me algumas toalhas recolhidas no banheiro e fez apenas um comentário sobre o assunto: "Eu perdi o controle. Afinal de contas sou um homem, de carne e osso. O melhor que a gente faz é esquecer tudo isso". (A. de R.)

Advogada, hoje com seu próprio escritório, A. de R., vítima de estupro há oito anos, tornou-se uma estudiosa do assunto "uma verdadeira obcecada", como ela diz. Já chegou a defender algumas vítimas de ataques sexuais e, utilizando seu próprio caso como exemplo (ela seguiu o conselho do estuprador: guardou silêncio sobre o que lhe aconteceu e apenas se afastou dele), nega a validade das estatísticas policiais cariocas que apresentam o estuprador como um desajustado social.

— Todas as pesquisas sérias feitas em outros países indicam que os violadores só raramente apresentam desequilíbrio mental, perversões ou manias. Isso significa que a maioria deles é o que se poderia chamar de **pessoas normais**. Com isso, fica bem claro que eles, ao partir para a violência sexual, não fazem mais que exprimir o condicionamento sexual que lhes foi imposto pela cultura e pelos nossos costumes. Eu sempre cito um comentário feito sobre o assunto por uma feminista francesa: "Os violadores são homens normais, que servem momentaneamente na primeira linha das tropas de choque masculinas, terroristas da mais longa batalha que o homem conheceu — a guerra dos sexos".

Para A. de R., a violação sexual, como a Justiça, é uma coisa de homens. E estes, em relação ao estupro, reagem sempre de acordo com três regras que eles consideram típicas do comportamento feminino: 1 — Todas as mulheres adoram ser possuídas à força; 2 — Nenhuma mulher pode ser violada contra a sua vontade; 3 — Mesmo quando dizem **não**, o que as mulheres querem dizer é **sim**.

— Ele se mostrou muito aborrecido ante a possibilidade de eu necessitar de socorro médico naquela noite, mas felizmente a hemorragia parou. Ele me levou em casa, e foi embora sem dar uma palavra. Não o vi mais, desde então, a não ser aqui, nos corredores do Tribunal de Justiça. Durante meses eu me senti marcada, o mundo já não era o mesmo para mim, mas, ao mesmo tempo, eu devia continuar como se nada tivesse acontecido. O maior pavor era de que aquilo me acontecesse outra vez — eu fiquei com medo dos homens e os evito até hoje. Mas depois a vida tomou seu curso natural. (A. de R.)

Há poucos meses ela defendeu na Justiça uma moça que foi vítima de ataque sexual. O juiz, no entanto, preferiu ver o caso de outro modo — considerou que se tratava de sedução e convenceu o agressor a resolver o problema casando com a vítima. A. de R. tentou demovê-la, mas M.G., a moça, moradora no subúrbio carioca de Del Castilho, pressionada pela família, aceitou:

— Eu não gostava dele, é claro. Mas a rua inteira ficou sabendo do meu caso; minha mãe, quando viu que eu tinha sido agredida, deu escândalo, chamou os vizinhos, me levou à polícia. Eu vi como é que passaram a me olhar, até mesmo os pais de família, eu passava e eles ficavam comentando. Nós somos muito pobres, não podíamos mudar de Del Castilho. A doutora A. me disse logo: "Eles não vão perder uma única oportunidade de te humilhar". Aí eu vi que a única saída era mesmo o casamento, por isso aceitei. (MG.)

O modo negligente como são tratados pela Justiça os acusados de violação sexual pode ser facilmente explicado, na opinião dos sociólogos, se lembrarmos de que maneira as responsabilidades são atribuídas a cada sexo, dentro da nossa sociedade: "Nela, o homem é o agressor nato, o soldado que sitia as fortalezas. Quanto à mulher, ela é a guardiã das portas, a defensora dos tesouros sagrados. Se o homem consuma a invasão e se apodera do tesouro, ele apenas cumpriu com o seu dever. Não existe, para ele, nenhum motivo para se sentir culpado ou com remorsos. A mulher que se deixa possuir à força, no entanto, faltou com o seu dever. A sociedade, a família, a polícia e os tribunais a tratarão como tal. E esse tratamento parecerá à mulher mais traumatizante e terrível que a própria violação, pois ele é completamente injusto". A. de R. lembra que este código de ética vem sendo utilizado, sem qualquer mudança, desde os tempos do Velho Testamento:

— Basta citar uma passagem do Velho Testamento, no Êxodo, que diz: "Tu não cobiçarás a casa do teu próximo, nem sua mulher, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu asno; nada do que lhe pertence". A posição da mulher nessa lista fica bem clara: primeiro, ela pertence ao homem, como o boi e o asno; e segundo, em matéria de importância, só está um pouco acima destes.

— É claro que eu não acredito que vá ser feliz com ele. Mas eu já estava desgraçada, não ia ser feliz mesmo, de qualquer maneira. Também sei que ele não vai me tratar bem, não vai me respeitar; mas agora eu sou dele, ele vai ter que me sustentar, senão eu cobro na Justiça. (M.G.)

M.G. sabe que poderá se defender, desde que obedeça cegamente aos códigos que lhe foram impostos, e que servem para manter a mulher sempre numa posição inferior em relação ao homem. E as feministas estão certas de que o que faz o violador ser punido, de acordo com a interpretação dos códigos, não é o ataque contra a mulher, mas sim o fato de que ele atenta contra um direito fundamental: o direito à propriedade.

Diz A. de R.: — A ordem social supõe uma repartição relativamente equitativa das mulheres; neste sentido, o violador ameaça a ordem social, porque ameaça a propriedade de outro. Fora desta ameaça não existe violação. É bom lembrar que esta não existe entre esposos, e que o marido tem todo o direito de possuir sua mulher quantas vezes queira, mesmo que ela não o deseje ou lhe resista. Sintoma trágico de uma doença social chamada **virilidade**, a violação, a meu ver, é um problema cultural.

—Não ousei tocar no meu filhinho: eu me sentia suja, acho que vou me sentir assim para o resto da vida. A dona da casa levou-o para o seu quarto, enquanto a empregada procurava arrumar as coisas que os ladrões haviam espalhado pela casa. Eu fui para o banheiro, fiquei muito tempo sob o chuveiro, sem pensar em nada, deixando apenas que a água escorresse. Depois, quando saí, a dona da casa me avisou: "Já chamei a polícia". Meu marido continuava no quarto, e eu não agüentei mais aquele silêncio, fui até lá. Ele estava sentado na cama, a cabeça entre as mãos, e não levantou os olhos, embora percebesse que eu tinha entrado. Acho que foi naquela hora que eu percebi que tudo havia desmoronado. Até hoje não sei por que, mas tudo o que lhe pude dizer, naquela hora, foi "desculpe". Sempre me olhar, ele murmurou: "Eu tinha que pensar em nosso filho". E a gente não se disse mais nada até que a polícia chegou (S.S.M.).

M.G., perdida nos meandros de Del Castilho, cobrou — e obteve da sociedade a posição que esta lhe reservou; S.S.M. assinou um pacto de silêncio com o marido, levando em conta que este foi, de certa forma, cúmplice do ataque que ela sofreu (por causa de sua omissão, não poderá humilhá-la: ele não soube defender seu "patrimônio"); A. de R. partiu para uma tomada de consciência que, segundo ela, é o único meio através do qual as mulheres podem lutar contra a opressão dos homens. Esta posição já justificou até o surgimento de organizações como a **Women Against Rape** (Mulheres Contra o Estupro), nos Estados Unidos, que defende a tese pregada por A. de R. de que o estupro é um problema cultural, ou, mais precisamente, (Susan Brownmiller — **Against our Will: Men, Women and Rape**, EUA, 1975) de que a violação é um ato de poder, não de sexo.

Aguinaldo Silva

ARLO (DETETIVE FEMININA)
Investigações sigilosas
com provas fotográficas ***RIO***
Tel.: 231-0302 de 2ª a 6ª

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

Bixórdia

O QUE VEM A SER BIXÓRDIA?

Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f., mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?

Meia-noite, a boate fervendo. Enquanto rola o show de travestis, um espectador não pára de falar. Loura, linda, coberta de plumas e brilhos, a estrela do show não se contém e qualifica, no microfone, o destempero verbal da platéia: "Hoje cliente, amanhã concorrente!"

Outro dia, um amigo nosso foi ao cinema, para curtir filme messssmo. Procurou um lugar bem distante de qualquer badalação, quer dizer, tentação. Mas lá pela metade do filme, sentiu uma perna boba muito de leve na sua. Olhou para o lado e não acreditou: era uma mulher, senhora de aparência respeitabilíssima. Não teve dúvidas e disse baixinho: "Desculpe, minha senhora, mas eu sou bicha". Passaram-se alguns momentos até que a santa senhora compreendesse que, da fruta que ela gostava, o nosso amigo comia até o caroço. Moral da história: conversando a gente se entende.

CENA DO COTIDIANO

Uma da tarde de quinta-feira da semana passada. Rua do Catete (antigamente, hoje uma ruína do Metrô), no Rio. Francisco Bittencourt, um dos editores de LAMPIÃO, atravessa uma das pontes sobre as obras. Sacolinha do Bob's na mão, vai almoçar. De repente, nota que o silêncio se fez, lá embaixo. Olha e vê todos os operários que, imóveis, acompanham a sua passagem. Aflito, procura não tropeçar, enquanto sente o peso de todos aqueles olhares. E já está quase no final da passarela quando ouve, vindo lá de baixo, o apelo de um dos operários: "Ô, boneca!, nós também queremos almoçar."

MAMBABA I

Alguns dos leitores do LAMPIÃO acham que a Rafaela Mambaba — como se sabe, figura de natureza controvertida: ignorante, beberrona, falaz — devia se chamar Mãoboba, porque só escreve bobagens. No número 4 do jornal — segundo um destes leitores —, ela "chegou ao nadir de sua sabedoria, ao confundir Nero com César e ao dizer que Proust e Wilde se travestiam, o que é absolutamente inverídico". Comentário da Mambaba: "Nadir? Cruzes! Era o nome de uma vizinha minha que falava grosso, cuspia pro lado e raspava o bigode."

MAMBABA (OU A VERDADE HISTÓRICA) II

O leitor (em que pese a ignorância desavergonhada da Mambaba) tem toda a razão. A verdade sobre Marcel Proust é que ele foi um terrível enrustido, que se enclausurou no fim da vida, só se deixando ver pela governanta. Mas isso não impediu que legasse ao seu amor — um árabe da África do Norte — um hotelzinho em Paris, que o bofe passou a explorar como ninho de amor para homossexuais. Quem conta isso é Gore Vidal, assíduo freqüentador do lugar logo depois da II Guerra Mundial.

Noite, dessas Antônio Chrysóstomo degustava biritas no Super-Bar da Cinelândia, com dois bofes. Aproxima-se um seu conterrâneo, próspero comerciante de arte na praça carioca. "Você está bebendo de arrependimento, por causa do LAMPIÃO?" Chrysóstomo: "Não. Estou bebendo de desgosto, por ter um amigo como você".

Esta foi coletada pelo Celsinho Couri, numa boate da paulicéia. Um mulatão dos baita, vestido de forma a dar inveja no Ney Matogrosso, borboleteava seu charme quando percebeu que estava sendo descaradamente seguido por uma bichinha. Bem bichinha. Daquelas que arrumam a gola do paletó das pessoas e, na intimidade, chamam o caso de maridinho. A figura circulava na pista e a bichinha atrás. Ia ao banheiro e a bichinha atrás. Voltava ao hall e a bichinha atrás. Até que o mulatão, em voz bem melada, estancou a perseguidora e declarou: "Olha aqui meu amorrrrr. S'eu gostasse de cauda, não dava a minha".

CONCURSO DA BIXÓRDIA: Muita gente ainda tem medo das palavras, de ser chamada de bicha, por exemplo. Pois bem: para provar que o que conta é a cuca das pessoas e que a palavra, seja qual for, pode — e deve — ser encarada como coisa gozosa (!), curtível até, Bixórdia lança um concurso: qual o coletivo da palavra bicha? Já pensaram? Manada, rebanho ou vara não servem, pois já designam o coletivo de outras espécies. Então, imaginações à obra. Vamos inventar um coletivo de bicha, enriquecendo e resgatando o vocabulário guei. Respostas para a Caixa Postal 41031, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20241. Ao vencedor será ofertada uma assinatura anual de LAMPIÃO, como prêmio por seu talento e incontinência verbal. Eia! Sus!

Eles eram inimigos íntimos e moravam no mesmo prédio. Quando um subia no elevador o outro disfarçava e aguardava a próxima viagem. Certo dia, um deles veio acompanhado de um peg-pag: alto, louro, coxas grossas e cachê médio. Tomaram tranqüilamente o elevador. A porta estava quase fechada quando alguém apertou o botão do lado de fora. Era o outro. Vendo o companheiro do inimigo íntimo, audaciosamente cumprimentou: — "Boa noite". O contratado mais do que depressa respondeu: — "Boa noite". Para não ficar por baixo, o dono do material, finalmente, apresentou: — "Boa noite. Conhece o meu sobrinho?" A maldição falou mais alto e o inimigo respondeu: "Claro. Ele foi meu sobrinho na semana passada."

Este mês, no Rio, malgrado a velha lenda de que bicha — por ser encantada — não morre, desaparece, faleceu um dos mitos da bixórdia carioca: Hugo de Freitas, a Nêga Huga que reinou, soberana, ao tempo áureo (1945-1955) dos Bailes de Gala do Teatro João Caetano. Ao lado de J. Luís, Trágica, Tzarina, Nêga Erasma, das Irmãs Navarro, Pivete, Miss Itália, Maria da Rocha, Princesa Fátima, Marocas (esta, também já embarcada; que repousa na paz e na glória merecidas), da paulista Miss América e Escrachilda (onde estará? Era de Juiz de Fora), Nêga Huga brilhou na passarela do João Caetano fazendo a linha menina-moça **chic**, na qual, asseguram seus contemporâneos, era impecável. Mas não foi só se auto-travestindo que a falecida marcou sua passagem pelas calçadas da vida: em 1963, produziu e dirigiu um espetáculo histórico, **Les Girls**, o primeiro, no Brasil, a apresentar travestis numa moldura técnica e artística de fato profissionalizante — inclusive lançando, em grande estilo, a futura estrela Rogéria. Por tudo, Hugo(a) de Freitas teve a morte merecida: aos 55 anos, em plena ação, quando batalhava o remonte de **Les Girls**. O comentário de sua amiga Doralice, ao saber de seu passamento, parece adequado: "Foi dormir; quando acordou, estava morta!" Sumiço perfeito: sem doenças, choros e ranger de dentes. Quem sabe, com Hugo, Marocas e os seus companheiros da Era do Ouro da Bixórdia não se cumpre outro velho ditado guei? Todas devem estar lembradas: aquele que diz que bicha, ao morrer, vira poeira dourada.

O nosso amigo Gide Guimarães escreveu uma carta para o LAMPIÃO fazendo um retrato sem retoque dos membros do conselho editorial. Acabou traçando a sua própria caricatura ao associar, (inconscientemente) talvez, o nome de (André) Gide com o de Guimarães (Rosa) e revelando com o nome falso suas aspirações a grande estilista. Perdeu-se tanto pelo estilo como pelas intenções. As bonecas do LAMPIÃO quando se autocriticam não deixam pedra sobre pedra, sobrando paulada até para quem está por perto. O Gide que se cuide. Ou então que abra o jogo. Está convidado a tomar um chá conosco.

Pensamento do Mês

NÃO CUSPA NO PRATO QUE TE COMEU (Dodô Darling)

TENDÊNCIAS

o disco

Just dance, dance, dance

Discos em profusão, para todos os gostos — e até desgostos. Reparem, por exemplo, no garotão da foto, o tecladista Marcos Resende. Um gato, né? E que ainda por cima, compõe e, sem ser nenhum gênio, dá conta dos seus teclados. Isso fica evidente no LP **Marcos Resende & Índex**, parte da rara (à frente explico) coleção "Música Popular Brasileira Contemporânea", da Phonogram. Além de Marcos e conjunto Índex, tal coleção inclui LPs do percussionista Djalma Corrêa, do compositor, instrumentista e arranjador (competentíssimo) Nivaldo Ornellas e do igualmente autor e pianista Nélson Ayres. Quer dizer: uma coleção dedicada aos músicos, estes seres das sombras, que vivem trancados em estúdios, fazendo acompanhamento de cantores, raramente (daí o objetivo) aproveitados em discos individuais por causa dos rótulos de "malditos" e "não comerciais". Gatos à parte, a coleção tem coisas audíveis por qualquer pessoa que realmente goste de Música. Basta saber se a Phonogram fará o que ainda mais raramente se proporciona a este tipo de lançamento: distribuição correta dos discos em todo o território nacional.

NEY NU, AUDACIOSO E BOM

Nelsinho Motta, dono de discoteca, afirma que o som **disco**, fulminante modismo mundial, deve ser entendido no que de fato é: música para o corpo. Eu, pessoalmente, dou umas boas e prazerosas sacudidas ao apelo de tal som — paupérrimo e chato quando ouvido sem dança, na sala da minha casa. Vai daí a gravadora WEA (Warner/Elektra/Atlantic) tem enviado aos ares, literalmente, dezenas dessas bolachas dirigidas aos músculos dos indigitados ouvintes. Mas eis que no meio da enxurrada, a WEA disfarça três novidades nacionais: a versão **disco** de Ney Matogrosso, no LP "Feitiço", para "Não Existe Pecado ao Sul do Equador", de (nada menos que) Chico Buarque e Ruy Guerra; o compacto das Frenéticas com "Dancin' Days", do já citado Nélson Motta e Rubens Queiroz; finalmente o LP de Tim Maia, "Disco Club".

Do primeiro, até que esta nota saia, quase um mês depois de escrita, muito já se terá ouvido falar. Imaginem! Profanar Chico Buarque em som **disco**! Desde já fica esclarecido que a profanação se processa apenas ao nível do arranjo instrumental, pois a estrutura melódica continua exatamente a do original. Nu no **poster** interno do disco, Ney, além de audacioso, está cantando melhor do que nunca, com a voz colocada muito para além e aquém do falsete — ou agudo? — empregado até o momento. Outra de suas qualidades, a frescura utilizada à guisa de elemento criativo, está sob controle absoluto e dosado, inclusive nos gritos e estremeliques vocais da polêmica, alegremente bichalda versão de "Equador".

Enquanto não chega o LP para eventuais adesões, debiques e pequenas crueldades da crítica nativa, o convite do compacto das Frenéticas é sedutor. "Caia na gandaia, entre nesta festa", cantam as — segundo alguns — importunas raparigas.

O terceiro da lista é exatamente Tim Maia, o introdutor em larga escala, nos anos 60 do **soul** no Brasil. E o **soul**, como sabeis, é uma das correntes musicais de que se originou a minimização comercial **disco**, nos Estados Unidos. Das faixas divulgadas, a de maior balanço é "Sossego", adequado ao ginástico fim a que se propõe.

Pelo sim, pelo não, ou muito meus ouvidos me enganam ou estes três lançamentos, comparados a seco e rigor, são superiores à maior parte dos congêneres internacionais. **Disco** por **disco**, sem nacionalismos (no caso) ridículos, até nisso a criatividade brasileira acaba por atuar. Então, já se pode dançar pagando menos royalties e lucros às matrizes multinacionais. Quanto à velha discussão, se o som Y ou X, aqui o **disco**, veio para evoluir e ficar, se é uma praga, etc., etc., ainda é cedo para enfiar a colher em pasta musical tão longe do ponto ideal: os cozinheiros radicais que se pelem neste caldo fervente e turvo. De minha parte, só lembro que Pixinguinha já foi xingado de músico americanizado em sua juventude. E que, de outro lado, do **twist** e do **hully-gully** (quem lembra?) nada restou. Prefiro sacudir o esqueleto nas quentíssimas **pegações** olímpicas (que há de ter fôlego, lá isso há!) do Dancin' Days, agora localizado (aviso aos interessados) na Concha Verde do Morro da Urca, Rio, às 6ª e sábados, a partir das 22h. Agora, ficar na escuta de som **disco** em casa, embevecido, no mínimo é burrice. E — dizem — bicha burra nasceu morta. Ou não?

Antônio Chrysóstomo

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

o filme

"Amada Amante": é sério?

As pornochanchadas assolam o mercado cinematográfico brasileiro. De cada cinco ou seis filmes apresentados no circuito comercial, três ou quatro são pornochanchadas. Talvez esta proporção não corresponda muito precisamente à realidade, mas, ao menos, serve para evidenciá-la. Em uníssono, seus críticos a acusam de produto híbrido de um regime insuportável, filhas da censura oficial.

Seus realizadores, como desculpa perante público e crítica, alegam a necessidade de conquistar o mercado dominado pelas produções estrangeiras. Outros, mais irritados com a acusação de produtores de pornochanchadas, revestem-na com as roupas da seriedade. O falso erotismo, com promessas nunca realizadas, é o fenômeno que subjaz à narrativa destas obras de arte falsificadas. Colocá-las, porém, única e exclusivamente, como frutos de um regime político é esconder boa parte do complexo problema político da cinematografia brasileira.

A crítica, abordando apenas um aspecto de seu objeto, acaba por justificar seus realizadores, tomando-os como vítimas do sistema a fazer concessões para ter sua obra liberada. No entanto, a análise mais acurada das obras fílmicas está longe de constatar a existência de concessões. Existe mesmo, sem a menor necessidade de abrir mão seja do que for, uma concepção política expressa no filme e aceita na íntegra pelos censores. Aliás, diga-se de passagem, esta concepção não é privilégio das pornochanchadas.

Amada Amante não foge à regra. Apresentado, em contraposição à pornochanchada, como um filme sério, os cartazes expostos nas salas de exibição deixam margem à dúvida. Mesmo quando produtores e distribuidores não se responsabilizam pela tarefa, deixando-a a cargo dos exibidores, os cartazes sempre refletem a natureza do produto. Na propaganda de **Amada Amante** somos convidados a conhecer a Sandra Bréa jamais mostrada pela televisão.

Se antes da projeção existe alguma dúvida, ela é logo eliminada ao vermos o filme. Desde o início se percebe seu tema básico, tratado de uma prespectiva moralizante e, claro, concebido como depravação: a sexualidade. Para dar um toque humorístico e completar o quadro, as situações grotescas de riso fácil e digestivo.

Do começo ao fim o tema da sexualidade, relacionado com a desintegração de uma família interiorana paulista em mudança para o Rio de Janeiro, é trabalhado com personagens estereotipados. A inabilidade do diretor chega ao ponto de colocar os personagens diante de situações ridículas como, por exemplo, a dificuldade diante do elevador. Para caracterizá-los como portadores de rígidos costumes morais, são obrigados a olharem, estupefatos, os corpos seminus das moças dirigindo-se à praia. Mesmo como elementos ficcionais, tais situações ficam melhores nos filmes de Mazzaropi.

O estereótipo não imprime sua marca apenas nos integrantes da família interiorana, estende-se também aos personagens urbanos. Destes, o perfil apresenta uma única linha: o desejo sexual. Sem qualquer outra vontade, característica ou traço de personalidade senão o sexual, personificam o grande perigo para a família moralista e ingênua. Desde a secretária, que seduz o patrão e chefe de família, até as garotas que perseguem, uma o Zequinha, o caçula, a outra sua irmã, são elementos, segundo o diretor, perigosos. Encarnam o desejo impuro e pecaminoso do sexo.

Trabalhando com estereótipos absolutizados, sem medicações Cláudio Cunha empobrece toda a trama narrativa. Destruída a moral, rígida e patriarcalista, resta apenas a degradação dos personagens. Se, no plano inicial, a intenção do diretor era a de fazer a crítica do moralismo vigente, o resultado último é bastante diferente. Todos os valores tradicionais e conservadores subsistem sem a autoridade paterna!

Os poucos momentos nos quais Cláudio Cunha poderia ter alterado a estrutura do filme, dando-lhe maior vigor e negando **em ato** a pornochanchada, se perdem. Alguma seqüências podem nos dar a idéia desta perda e mostrar o caráter conservador, sem nenhuma concessão, do filme: o caçula só vem a compreender a irritação da namorada ao ouvi-lo recitar poemas quando ela coloca sua masculinidade em dúvida; a relação da irmã de Zequinha com a amiga é transformada em estímulo para excitar o sujeito (Carlos Imperial) cuja principal distração é espreitar com binóculos os "lances" dos apartamentos vizinhos.

Em outra seqüência, mais sutil e em forma de diálogo, o moralismo de Cláudio Cunha vem mais uma vez à tona. Luís Gustavo, personificando o **playboy** carioca com seu belo carro esporte conversível, **promete**, em situação de desespero, **casar-se** com a filha mais velha (Sandra Bréa), caso ela consinta num relacionamento distinto do simples andar de mãos dadas.

Utilizando o mesmo procedimento realista das novelas de televisão, a concepção do diretor ganha vida nas imagens ilusórias projetadas na tela, levando espectador e personagem à completa identificação. Eliminada a distância entre um e outro, o espectador passa a vivenciar a estória sem qualquer possibilidade de reflexão. A vida particular de cada um, com suas angústias, problemas e dúvidas, reflete-se na tela e adquire vida na atuação dos atores.

Na parafernália da cidade grande rui a moral patriarcalista para dar lugar a um outro tipo de moralismo, estruturado a partir dos mesmos componentes patriarcais de outrora. O machismo em substituição à poesia, símbolo da sexualidade indecisa; submissão da mulher ao homem como protesto contra a infidelidade do marido (por estranho que pareça) e a defesa do casamento são os elementos que sobrevivem junto ao concreto armado das grandes cidades. A degradação do corpo, conseqüência da bem comportada e integrada revolução sexual na sociedade moderna, dá a cor à nova moral.

Inevitavelmente e sem qualquer outra perspectiva temos, como os personagens de **Amada Amante**, que aceitá-la.

Fazendo um filme simples, direto, sem qualquer complicação para o público brasileiro, Cláudio Cunha cumpriu eficazmente o que foi definido pelo coronel Rubem Ludwig, assessor de imprensa do Planalto, como tarefa dos cineastas brasileiros. Resta saber se uma obra cinematográfica, confeccionada sob medidas oficiais, poderá um dia vir a autodenominar-se **obra de arte.**

Uma coisa é certa. A pornochanchada, mesmo quando travestida de seriedade, desvenda a concepção de seus realizadores. A mesma daquelas pessoas que nos impedem de conhecer toda a produção artística produzida no Brasil e que está arraigada na consciência da classe média, antes, durante e depois de 64. E isso não pode se chamado de concessão.

César Augusto de Carvalho

a exposição

Iaponi Araújo: uma saga

O nosso colaborador Iaponi Araújo está fazendo no momento mais uma exposição da sua pintura que conta a saga do Nordeste numa linguagem em que se misturam a realidade e a fantasia. Com uma carreira iniciada em Natal, R. G. do Norte, sua cidade, o artista logo a seguir passou a residir no Rio, onde agora mostra a última série de seu trabalho na Galeria B-75 Concorde, na Praça General Osório.

De uma família de artesões e artistas, Iaponi faz uma pintura que está totalmente relacionada com a literatura de cordel de sua região. Cada quadro seu é na verdade um episódio de cordel, com uma longa história que começa antes do quadro que temos à nossa frente e que não termina nele. É portanto um grande painel o que Iaponi está fazendo, todo baseado na rica tradição oral nordestina. Ao se caracterizar de forma tão clara como um artista de raiz popular, e agindo sempre dentro da linha de sábia intuição de seus ancestrais, Iaponi não está apenas conservando dentro dos rígidos limites da pintura a incrível vitalidade desse povo sofrido e criador do Nordeste, mas também levantando e desenvolvendo uma história viva da qual se sente participante.

De realização, extremamente, bem cuidada e com um requinte de fatura que lembra a pintura de Djanira, a obra deste artista deve ser incluída entre a daqueles poucos criadores brasileiros de preocupação nitidamente nacional pelo aprofundamento num tema que pode ser reconhecido como exclusivamente nosso, mas que não resvalam para as facilidades do primitivismo nem se entregam ao folclorismo de fechada.

Os temas de Iaponi são geralmente os dos enredos clássicos da literatura de cordel, da qual, inclusive, ele tira seus títulos fantásticos: "Vitória do Cavaleiro Roldão na Batalha do Leão de Ouro", "São Severino dos Ramos Cura um Cego de Nascença na Feira de Catolé do Rocha", etc. E é por essa fidelidade à sua região que ele foi imortalizado pelo poeta de cordel Antônio Francisco Dias com o "Romance de Iaponi, Artista dos Sentimentos do Povo", folheto que se vende em todas as feiras do Nordeste ao preço de Cr$ 1,50. Por uma terrível contradição do mercado de arte os quadros do artista atingem hoje o preço de Cr$ 30.000,00.

Francisco Bittencourt

o livro

Atualidade de Socorro

A crítica de um livro é em geral maçante por tratar de "estilos", "uso da linguagem", "influências", "técnicas", "correntes literárias", "heranças culturais". Se me sinto tão à vontade para falar de "CADA CABEÇA UMA SENTENÇA (Editora Ática) de *Socorro Trindad*, é exatamente porque não pretendo fazer ensaios teóricos nem me embrenhar por interpretações complicadas. Falo apenas de um livro que, desde o título, fornece ao leitor a opção de encontrar amplas interpretações e múltiplos significados.

"Cada Cabeça Uma Sentença" fala de uma realidade que está aqui, entre nós, e que, de tão óbvia, se torna fantástica. Sua preocupação máxima se concentra no homem, medida e centro de todas as emoções e criações, preservado em sua integridade ou desintegração, atingido por violências, paixão, sexo, revolta.

Esse trabalho [illegible] toda a luta de anos da autora. Não desde 1972, quando publicou seu primeiro livro — "Os Olhos do Lixo" — mas desde muito antes, quando abandonou seu curso de medicina para dedicar-se ao jornalismo e à literatura, decidindo assim seus próprios caminhos. Nasceu em Nísia Floresta (RN), foi para Fortaleza, onde editou seu primeiro livro, e, no Rio, desde 73, continuou em defesa de autores novos tanto no Suplemento da Tribuna, sob sua coordenação por vários anos, quanto no MAM, através do setor de literatura.

Pessoalmente, seus amigos sabem do que ela é capaz: de amar loucamente a vida e as pessoas, de assumir seus atos até as últimas conseqüências, de se jogar no que gosta, no que crê, sem limites, numa entrega total, dias e madrugadas a dentro. Cada instante ela rasga com os dentes, peito aberto, transmitindo, transpirando sempre um amor furioso e imediato, visível em cada palavra, ainda prenhe de suas raízes nordestinas, com suas lendas, seus mistérios, a violência de suas mortes e de seus crimes.

Não é, realmente, o caminho mais fácil, como diz o prefaciador do livro, mas foi o escolhido pela autora para falar de uma vida desalinhada, cheia de riscos e imprevistos, disponível ao que acontecer.

Certa vez, Socorro Trinidad, me comentou: "Um dos rumos atuais da nossa literatura, e o mais importante, é a busca de uma identidade (literária) nacional. Porque até o final da década de 60, eu me perguntava o motivo de não gostar do que vinha sendo escrito até então por mulheres. Logo tive a resposta. Com raras exceções, só se tinha para ler na época ou textos com linguagem europeizada, fora do nosso contexto, ou o que se convencionou chamar de "água com açúcar".

"Mas, de repente, começou a aparecer uma literatura mais forte, mais agressiva, e, principalmente, tratando com objetividade a nossa realidade. Foi quando então se falou em mulheres escrevendo como homens. Eu não diria isto, pois a linguagem e realidade podem ser tratadas da mesma forma tanto por homens quanto por mulheres, sem que com isso a fêmea tenha de assumir o papel do macho e vice-versa. Tanto é que, quando escrevo, não tenho sexo. Foram poucas as que enfrentaram o desafio, porém quantidade não vem ao caso, importante é que o processo já tenha sido desencadeado, sendo a década de 70 a responsável por isso e também por livros como os nossos".

"A idéia que tenho da literatura brasileira de hoje é antes o resultado de minhas reflexões como escritora, pois este é o papel do qual não posso me furtar, nem eu nem nenhum escritor, uma vez que o momento atual é muito mais para se repensar, reavaliar, discutir, do que simplesmente criar; e isso não só em relação à literatura, mas também à arte de um modo geral, à história, à política, à vida brasileira".

Socorro Trindad tem duas obras inéditas: "Reis de Paus", novela, a sair pela Ática, e "Ação Matadouro", contos, ambos para o outro ano.

Leila Miccolis

Gaúchos podem ver Darcy

Darcy Penteado inaugurou, com uma exposição individual, a Galeria Opus de Porto Alegre, no dia 21 de setembro. O artista continua na sua motivação nostálgica, inspirada em fotografias antigas. E como a mostra tem também um caráter ecológico, foi por ele intitulada de "Nostalgia do Verde". A Galeria Opus — atenção, gaúchos de cabelos nas ventas — fica na Félix da Cunha 1181 (Moinhos de Vento); e quem quiser ver os trabalhos de Darcy — o próprio só estará lá na inauguração —, tem até o dia 15 de outubro para fazê-lo.

Celso's Bar

O caminho certo em Curitiba

Onde os amigos se encontram

Rua Trajano Reis - 365
Curitiba — Paraná

266 - West

The Gayest Discotheque in town

Avenida Copacabana, 266
Tel: 255-5247
Rio de Janeiro

Clínicas para cães e gatos
Rebouças e Bandeirantes
Av. Rebouças - 861
Tel.: 282-9931, 282-6176 e 282-6084
Av. dos Bandeirantes - 2088
Tel.: 240-4924 — São Paulo

LAMPIÃO
Assine agora.

Aguarde:
"Histórias de Amor" da Esquina

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

CARTAS NA MESA

Em defesa de Emilinha

Sr. Editor: quanto ao seu artigo sobre Emilinha Borba, passemos logo às considerações. Queira ou não admitir, mas é uma grande verdade, o fato de que falar dela (bem ou mal) dá Ibope. E vocês apelaram, tocando em seu nome. Só que para não serem tachados de cafonas, falando bem, fizeram gozação. Não assumiram, como fez a crítica do Jornal do Brasil, Maria Helene Dutra, que ao anunciar a presença dela no programa Vox Populi, da TVE, reconheceu o fenômeno histórico que é Emilinha Borba. E falou também do convite que recebeu para ser candidata, só que de uma forma clara e não através de comparações como as de vocês, citando proveta só pelo fato de estar na moda tal palavra.

Primeiro, procurem saber da realidade dos fatos. Ela foi realmente convidada pela Sra. Lígia Lessa Bastos, a qual foi até a sala que os admiradores pagam e mantêm no centro da cidade. Por uma questão de ética, disse um não muito educado, sem citar maiores razões. Não por falta de eleitorado. Talvez vocês não lembrem, mas Emilinha já ajudou a eleger muita gente, inclusive o Sr. Chagas Freitas. Na minha opinião (não a dela), acho que fez muito bem em negar o convite. Arena ou MDB não dizem nada. Foi apelação da Arena convidála. E se ela aceitasse, diriam o mesmo.

Mas para quem não acompanha os passos artísticos de Emilinha, aí vão as dicas. O fato de não estar gravando pode pesar, mas não afeta seu lado financeiro. Continua faturando alto pelo Brasil, tem aparecido em programas de TV da Globo, Tupi e TVE, além de outros, como no show de Ney Matogrosso. Num show de teatro é lembrada e homenageada. Inclusive nesse show numa noite dedicada ao Governador Faria Lima, foi convidada de honra e dele recebeu o convite para fazer um só número musical numa inauguração estadual, à qual compareceu e recebeu a irrisória quantia de Cr$20 mil. Quantos gostariam disso? E vejam que ela não está na crista da onda, como vocês costumam dizer.

Se quiserem mais detalhes, procurem sua sala, na cidade, e vejam de perto a movimentação de Emilinha. Pra vocês, sucesso é só Rio ou São Paulo. Digam o nome de alguém que, durante três décadas, conseguiria manter tal evidência? Difícil, não? E fez tudo só, sem máquinas de fabricar ídolos, empresários, etc... Procurem saber o que está preparando para o seu aniversário, no próximo dia 31 (de agosto). Um abraço.

Adelino
Rio de Janeiro.

Sr. Editor: sou leitor do seu jornal, que reputo sério. Com referência a crônica "Deu a louca na Emilinha", gostaria de dizer que a Miloca, como cidadã brasileira, tem o direito de concorrer a qualquer cargo eletivo. Quanto ao partido, MDB ou Arena, acho indiferente, pois ambos são iguais, não possuem realmente uma bandeira ou princípios. Existem em ambos alguns bons elementos, dignos de nossos votos. Quanto a Emilinha convidada pela Arena, o motivo é sua notória força popular, que conquistaria muitos votos para o partido governista, indiferentes que ficariam os eleitores a siglas partidárias.

Sérgio Carvalho
Brasília

LAMPIÃO: concordo plenamente com o leitor J.C.L. de Recife e acrescento: vocês estão indefinidos e incoerentes, haja vista a reportagem (?) com a Emilinha Borba, na qual dão um exemplo de grossura e péssimo gosto. Admito que vocês não gostem dela como artista, mas pelo menos deveriam respeitá-la como figura humana, e das melhores, inclusive porque sempre tratou os homossexuais sem preconceitos. Saibam também que não estou nessa de marlenista ou emilinista, mas o que vocês publicaram (brincaram) foi um exemplo vivo de imprensa marrom. Por que o nivelamento por baixo?

O. Josias
Rio de Janeiro

Ao coordenador e Conselho Editorial de LAMPIÃO: Antes de mais nada é a última vez que escrevo e a última vez que li o jornal que cheguei a gostar. Não posso compreender como um jornal que se diz defensor da minoria guei, pode publicar um artigo falando mal daquela que é sem sombra de dúvidas a preferida do povo guei de uma maneira geral: Emilinha Borba. A falta de respeito do Sr. José Fernando Bastos para com essa mulher maravilhosa que este ano completa quarenta anos de sucesso no Brasil é algo repugnante. Ele deve ser um velho frustrado.

Em primeiro lugar, Emilinha não possui os títulos que o velho se refere na matéria. Em segundo lugar, se os fãs dela dão pinta, o que dizer da maioria de pessoas que escreve para vocês, ou mesmo aí do conselho? Outra coisa: vou escrever uma carta para o senador Petrônio Portella para ele ficar sabendo como foi tratado por esse indivíduo. Não admito que se faça humor em cima desse verdadeiro mito brasileiro. Tomaremos providências.

Wilson Borba
Rio de Janeiro.

"Cachito, cachito, cachito mio, pedazo del cielo que Diós me dió": vocês não passam de umas cobras, umas serpentes, umas N-A-J-A-S! Falar mal de Miloca, a mulher mais famosa do Brasil __ audácia! Saiam do pêlo da Emilinha, suas velhas tricoteiras. Vocês estão com raiva porque ninguém ama vocês...

Julinho de Souza
Vitória — Espírito Santo.

R. — A gente reconhece que deu um fora: o texto que LAMPIÃO publicou sobre Emilinha denota preconceito em relação à cantora e descaso em relação ao seu público fiel, formado em sua grande parte por gueis. É que estava muito engraçado e nós não resistimos. Agora acontece o seguinte: o pessoal que adora a Miloca, que curte visivelmente essa de cafonália, devia ter encarado a coisa à base da esportiva. Afinal de contas, se durante quarenta anos Emília sobreviveu a esse tipo de brincadeiras, não é agora que ela vai se sentir prejudicada. Quanto a Wilson, achamos que ele foi muito radical em dizer que não lê mais o jornal; meu caro, nós nunca falamos da Marlene, e suas fãs nem por isso deixaram de ler LAMPIÃO. Aliás, por falar em Marlene, Julinho, escute só o que Rafaela Mambaba anda cantando na redação: "Dora me disse, que eu não chegasse tarde em casa; Dora me disse, mas eu cheguei". Etc, etc., etc... (Tinha outra carta, do leitor Walter de Castro, residente em Madureira, Rio, que é fã de Emilinha e assinante do jornal. A este respondemos pessoalmente, pedindo que entrasse em contato conosco. Ele não o fez e por isso deixamos de publicar sua carta).

O rapaz ocupado

Bonecas, verdadeiramente há muito eu queria escrever procês, mas não deu: tava muito ocupado, e só agora (um sábado lindíssimo, com um solzão lá fora) é que eu tenho tempo, mesmo assim, daqui a pouco vou ter de sair, pra jogar minha bola e conservar o peso, não? (Não inventem de colocar como título, se publicarem minha carta, A Bicha Ocupada; *que eu vou aí e faço o meu escândalo).*

Bem, deixando o folclore de lado; 1) O último **luminoso** *que recebi estava ótimo; já conseguiu equilibrar as "minorias" e nele já se fala (bem) dos negros, mulheres, e das queridíssimas nossas irmãs! 2) A seção de entrevistas, adorei. Norma e Dale são excepcionais, mas me decepcionei um pouco com Clô, por causa da tal coisa dele querer viver com os normais, porque nasceu de normais e o blá-blá-blá todo. Vê se o Darcy que me parece tão íntimo do modista, manda ele ler Laing, na parte em que o psiqui fala que mais ou menos cinqüenta milhões de pessoas normais já mataram seus companheiros também normais, só neste século. Quanto ao resto, acredito que todo mundo é* **aparentemente** *normal e, no que diz respeito ao amor, não é normal? Que deve "acostumar-se" à normalidade? Me esclareçam.*

3) Entrevistem Cae, ι. Bethania, Ney Matogrosso, P. Bisso, Darcy Penteado (amei aquela que ele deu na Status), Denner, belos e belas da Vênus Platinada que estejam dispostos a descer a máscara, Renatinha Sorrah (que é um chuchu), Rogéria, Valéria (coitada, que se rachou), e outros também que mesmo não sendo do ramo, aceita-o e têm algo de bom pra mostrar à gente: Tônia Carrero que é linda; Chico Buarque __ aí, T grande, Marília Pera, a sua irmã bicha que canta nas Frenéticas, etc... 4) Por que não falaram e/ou criticaram o excelente **Relatório Hite?** *5) Falem dos transexuais também; afinal, em si, eles às vezes são mais discriminados que nós (a natureza por ela já fez isso). 6) Os contos* O Maricas *e* A Dona Boazuda *são ótimos.* *Publiquem também trechos dos romances de Gore Vidal, escritos de Truman Capote, Gide, Oscar Wilde, etc... O cartunzinho de humor das lésbicas mostrei pra todo mundo daqui de casa: adoraram. (E por falar em "çasa": aqui somos sete, contando com* **father** *e* **mother**; *dos cinco restantes, nos que me incluo, somos quatro bissexuais __ três homens e uma mulher __ e o que sobra é a ovelha negra; machão até dizer* **pare**, *e nós desconfiamos que o maior desejo dele é dar o que é seu; só que não tem coragem e fica dando uma de cavalo pra cima da gente e das mulheres que come e das nomoradas que "ama". A natureza aqui em casa bateu recorde!)*

8) Estou fundando uma espécie de clube onde nos reunimos uma vez por semana para discutir qualquer assunto sexual, (conotações políticas, sociais, econômicas, psicológicas, etc.) e pretendemos lançar uma espécie de folheto entre nós e divulgar com os mais chegados; novidade: nosso clube tem de tudo, inclusive heteros radicais, que estão na luta contra o machismo. Felizmente, consciência já ta chegando (cruzes!) 9) Podiam vocês publicarem umas fotonovelas homossexuais, sem ranços ridículos e plumorosos? 10) Digam ao Peter Fry que ele é um tesãosão; vi o retrato dele outro dia, na mão de um amigo meu que o conhece daqui. Ele é e-x-c-e-l-e-n-t-e. Ainda vou conhecê-lo cara a cara. 11) As entrevistas podiam sair do gênero artista e partir pra outras profissões, onde haja gente que possa se assumir numa boa. (Mostrar pro povo que bicha também é sapateiro, surfista, lavadeira, bancário, milionário, professor, estudante, universitário, motorista de táxi, etc., 12) Ah: jogadores de futebol também. Falem com Jairzinho. 13) E Marinho? 14) Incluam um ditado popular (ou trecho de música, etc.) como fazia Celsinho Cúri na Coluna do Meio. Por falar nisso; como vai o caso dele na Justiça? Voltem ao assunto. 15) Por que não se propõem a fazer um "Relatório" sobre nós, mandando questionários via LAMPIÃO? Não seria uma boa __ a longo prazo, bem feito, sério? 16) Beijos nas boquinhas de cada um (preferências lingüísticas por Darcy, Peter e Aguinaldo __ ai que gatão, este último), e abrações múltiplos, másculos e viris. Do bichinho.

Fabíolo Dorô
Salvador — Bahia

R. — Ai, Fabíolo, quanta coisa você nos pede, ufa! Vamos responder só alguns itens: Clodovil Hernandez está realmente confuso quanto a essa questão da normalidade. De acordo com o conceito dele, normais são Michel Frank e Doca Street, que são heterossexuais até quando torturam e matam pessoas...; a sua lista de entrevistáveis é muito eclética; a gente amaria entrevistar o Darcy, se ele não fosse um dos nossos; não venham *se esgueirando pro lado do Chico Buarque,* que a Marieta te dá uns trompaços; claro que a gente falou no Relatório de Miss Hite. Qualé?

Billy Accioly, um dos nossos fotógrafos, está bolando a fotonovela. Aguarde. Quem não ama Peter Fry?

Os transexuais são nosso assunto principal, nesse número; refestele-se; para publicar os autores que você recomenda, a gente teria que pagar "royalties"; e LAMPIÃO tem pouco dinheiro, porque as pessoas ficam emprestando o jornal pros amigos, em vez de *mandar que eles comprem; arre, que família a sua!*

Vamos fugir do gênero artista nas entrevistas, sim; não nos fale em jogador de futebol, que eles são uma dor de cabeça; Celso Cúri voltará em breve a ser assunto em LAMPIÃO, beijos e abraços retribuídos.

Um barato musical

Caro Adão: com votos de que estejas nu, sem Eva do lado, mas cercado de inúmeras, gostosas e graciosas serpentes é que te escrevo sugerindo mais pimenta, mais humor, mais alegria em nosso jornal, que permanece tristíssimo, e época dos tristes fica mesmo pra gente ler e curtir fossa a Dalton Trevisan.

Sou um musical incrível, muito louco, e venho com uma sugestão que, acho, será bombástica. Um festival de músicas gueis. Pô! Um Festival Nacional de Música Popular Entendida. Os compositores, letristas (há pelo menos uma dezena em Fortaleza, suponha no Rio, em São Paulo e Santa Catarina) seriam gueis, e falariam em suas músicas do amor guei, problemática dos gueis. As doze melhores músicas seriam gravadas em um elepê.

Sei que a idéia é muito louca, tem muita providência a ser tomada. Mas o sucesso pode ser previsto por antecipação. Talvez o assunto interesse a alguma televisão. Ouvi dizer que tem gente muito pra frente na Rede Bandeirantes. Você fala com o Chrysóstomo, sei lá. Mas faça isso pra gente. Já imaginou o Ney Matogrosso, a boneca cobiçada, ouriçando em plumas e paetês, no incrementadíssimo festival? Arre... Me dá até um arrepio na espinha dorsal. Qualquer coisa escreva para mim. Não lhe conheço, mas lhe penso como o maior T grande. Sou o diretor do Grupo (..........), meu nome é (......) e meu melhor endereço em Fortaleza é Ordem dos Músicos do Brasil, seção do Ceará.

Lucinhoooooo
Fortaleza — Ceará.

Termas Flamengo
Vapor
Forno seco (sauna)
Massagem
Piscina
Diariamente, das 14 horas às 2 horas da manhã
Rua Corrêa Dutra, 68-A — Rio de Janeiro
285-0197

LAMPIÃO: o seu jornal

Thermas Danny
Saunas e bar
Rua Jaguaribe 484
Telefone 667101
São Paulo

Luiz Gonzaga Modesto de Paula
Advogado
Avenida Senador Queiroz 96/10º — S. 1006
Telefones: 2282264 e 2275173
São Paulo

APPAD associação paranaense da parada da diversidade
Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott
GRUPODIGNIDADE

CARTAS NA MESA

A força está conosco

Oi pessoal: quem lhes escreve é uma mulher de 22 anos, solteira, mãe de duas filhas, que trabalha como uma cachorra pra ganhar o pão de cada dia. Uma mulher "libertada", culta, aberta a todas as tendências. Estou acabando de ler o número quatro, e a comichão nos dedos foi tão grande que resolvi escrever.

Desde o número dois (porque o primeiro ainda estava meio confuso, indeciso) este jornal vem me dando algumas porradas. No bom sentido. Apesar de toda a minha casca de mulher "livre e moderna", no fundo, no fundo, a educação que a gente recebe, as influências de vinte séculos de civilização são muito fortes, e a gente precisa lutar muito pra se livrar delas. E vocês vêm me dando várias armas para esta luta.

Se não, vejamos: vocês me mostram o ponto ponto de vista de um pessoal que pra mim é quase uma incógnita: a viadagem. Não sei, talvez seja a forma como vocês transam o sexo. Vocês têm de assumir o sexo como coisa importante, fundamental na vida da gente. E apesar de todo o meu "prafrentismo", é aí que está a chave do problema, meu e de muita gente: a oposição entre a visão do mundo que a gente desenvolve durante a vida e as idéias que a gente recebe já prontas, mesmo sem pedir. E este número quatro, gente, que beleza! Depois daquela entrevista com a Norma Bengell, no número três (e ela me pareceu uma pessoa muito angustiada, talvez pela insistência em afirmar que está numa boa), o texto de Anna Koedt! Que diz pra gente as coisas que a gente já sabe, pela própria experiência, mas não tem a coragem de acreditar que é verdade. Meninos, lavou a minha alma. E o depoimento da Lucy Mafra, guria que venho acompanhando desde o Pasquim? Seu comentário sobre a Kátia D'ângelo, céus! Como eu conheço pessoas assim! Principalmente no campo artístico, de teatro, publicidade, quantas e quantas, que digerem mal os conceitos de liberdade, que no fundo querem mesmo é um marido! É por isso que dou força pra vocês. Você não deixa a peteca cair; chamam-se de bichas, viados, bonecas, gueis, sem medo das palavras; declaram abertamente sua sexualidade, não tenha medo de dizer, sinceramente e sem frescura: trepo, gosto, e daí (E eu sei como a tal de "sodomia" é gostosa. Aliás, seu eu fosse homem...) Vocês me dão força, gente, pra continuar lutando, que o mundo tem jeito, sim, a gente tem é que não se acomodar no nosso canto, mas sim sair dando machadada na cabeça, na nossa e nas dos outros, pra ver se abre um pouco as idéias, e se percebe um pouco da real simplicidade das coisas deste mundo. Um abraço a todos. Beijos.

P.S. — Que beleza o conto da última página! Que coisa linda! Desde Macunaíma que eu não lia nada tão bonito, tão emocionado (bem, é verdade que li Macunaíma não faz tanto tempo assim...)Mas o elogio é sincero. Uma verdadeira jóia, o conto.

Beatriz Medina
Rio de Janeiro

R. Você diz que a gente dá força pra você, Beatriz? Pois bem, há nisso tudo uma verdadeira troca de energias, pois é gente como você que nos dá força pra continuar. A gente podia escrever laudas e laudas em resposta à sua carta, mas vamos deixar pura e simplesmente que os leitores se emocionem com ela como nós ficamos emocionados ao lê-la. Um beijo pra você.

Seu tipo inesquecível

Estimados irmãos: é com um grandioso prazer que venho, em nome de outros grandes amigos, dirigir-me a vocês, por meio da minha escrita. Há muito tempo que venho desejando essa aproximação, mas é que às vezes nos acarretamos com milhares de outras coisas, e isso nos impede de realizarmos outro tipo de intenção.

O nosso pedido é que vocês estudem um meio pelo qual nós daqui, da "terra do cacau", possamos ter sempre em mãos um exemplar do jornal guei LAMPIÃO. Nós estamos sempre viajando, mas as nossas mais expansivas excursões ocorrem no período de férias, devido às nossas ocupações universitárias.

Ao nosso ver, esse tipo de aproximação é de grande realidade, pois a nossa classe deve ser um tanto quanto muito unida na fraternidade. E tem mais, através de nós, vocês também podem tomar conhecimento das influências positivas e negativas do nosso meio ecológico. Cremos que, com todo o nosso laço de união, um dia, possam abdicar os nossos direitos, num modo humano e sério. Ansiosos, e na esperança de alguma resposta, desejamos-lhes felicidades.

Obs. — Se nos enviar alguma correspondência, por favor embalarem, devido à discreção. Vocês entendem, não é?

Valério
Ilhéus — Bahia.

R. — Olha, Valério, por enquanto só há um meio de vocês receberem o jornal regularmente aí em Ilhéus: é fazendo uma assinatura. Mandem um cheque ou valê postal de Cr$ 180,00 em nome da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, CEP 20241), e durante doze meses nós lhes mandaremos pontualmente o jornal. O outro meio é você comprar todo mês no nosso distribuidor em Salvador, a Literarte, que tem loja à Avenida Sete de Setembro 750 (Galeria do Edifício Santo Amaro, Loja 11).

Histórias de amor

Cá estou eu para abraçar vocês, pelas opiniões e pelas boas reportagens do jornal. Em especial pela que saiu no nº de Norma Bengell (não me lembro o nº, pois emprestei o que eu comprei para um amigo). Sobre "Novas Histórias de Amor", ótimas aquelas declarações dos dois amigos-namorados. O que mais me empolgou foi que eu estava em crise com um rapaz que eu namorava, e estava colocando em ordem certas idéias. Que eram as mesmas que as do"professor de 25 anos" declarava, e isto foi bom, que me fez sofrer menos. E me fez resolver com mais certeza e lucidez sobre o que eu queria pra meu coração. Não quero pra mim nada de brincadeira de papai/mamãe — ninguém é hipoteticamente mulher. Todas essas palavras que eu li só "me fez tanto bem ao coração" (Vinícius que me perdoe o plágio).

Gostaria que pudesse sair mais reportagem sobre este assunto ou sobre qualquer outro mais que ajude a todo homossexual a se conscientizar, mas nesse item, que eu acho importante. Gosto muito dos contos que têm saído. O Maricas foi muito interessante, gostei muito. Queria pedir se dava para publicar um conto que tem no livro Histórias do Amor Maldito, com autores como Dalton Trevisan e outros. Tem um que é uma "História do Vento", queria que vocês dessem uma olhada nele e ver se dava pé, hem?

Mais uma coisa a pedir: que vocês continuem a se bater pela conscientização da geléia geral brasileira que o jornal "do futuro" anuncia. Até mais ver.

Xande
Belo Horizonte - MG

R. - Está nos planos da nossa editora o lançamento, o mais breve possível, de um volume intitulado "Histórias de Amor", especialmente dedicado ao nosso público leitor, Xande. Aguarde. Quanto ao conto a que você se refere, deve ser "O iniciado do Vento", de Aníbal Machado. Para publicá-lo a gente teria que pedir autorização a Maria Clara, a filha do escritor.

Pedido de desculpas

Querido editor (ou diretor?): o motivo desta é um pedido de desculpas ao membro (epa) do Conselho Editorial, Antônio Chrysóstomo. Não sei onde enfiar a cara de tanta vergonha... Peço-lhe mil desculpas por tê-lo chamado de reacionário. Escrevi uma carta protestando contra um artigo que tinha saído no nº. 2 pichando a "Convergência Socialista"... Acontece que o autor daquela proeza não foi o A.C. (a quem peço perdão de joelhos) e sim o perverso João SILVÉRIO Trevisan (não consigo deixar de associá-lo ao seu famoso homônimo Joaquim SILVÉRIO dos Reis). Tudo aquilo que eu tinha dito pro A.C. fica redobrado pra essa criatura hedionda, J.S.T.

Aproveito a oportunidade para trazer o mesmo assunto (Convergência Socialista) à baila, pois o assunto ainda é atualíssimo. Vejam o desdobramento da coisa... Todo mundo preso... Aquele vexame... O problema é que eu não guardo periódicos que leio. Normalmente eu os passo para a frente, por isso, não tendo o nº 2 do LAMPA em mãos quando escrevi pra vocês, não pude conferir o nome do articulista e assim cometi essa gafe. Assim que leio LAMPIÃO dou para um amigo e ele, por sua vez, dá para os outros.

Vocês não vão abrir uma seção de correspondência? Que tal publicar uma foto do Peter Fry? Na entrevista do Clodovil o costureiro fez menção à masculinidade dele... E isso me interessou sobremaneira.

Essa da Emilinha se candidatar pela Arena foi um chute no saco. Ai que coisa horrorosa! Cáspite! Isola!

Mais uma vez peço desculpas ao Chrysóstomo. E diga ao malfadado JST que ele é um boko-moko. Fala para ele escrever sobre tudo, menos política.

L.C.A.
Capital — São Paulo

R. — Querido L.C., ainda bem que você pediu desculpas ao Chrysóstomo; foi mesmo a tempo. Agora, você já ouviu falar numa coisa chamada "patrulheiro ideológico", muito discutida atualmente? Pois você parece exatamente um patrulheiro ideológico; isso quer dizer sinônimo de "fascista". Trevisan esteve presente à reunião da Convergência, fez uma análise, ponderou o que viu. Você não pondera nada. Você parece estar apenas querendo defender seu pacote de dogmas, seu partido. E olha, querido, isso aí é exatamente o que a direita faz: não permitir discussões e impor "pacotes". Se quiser saber, nós também protestamos contra as prisões arbitrárias dos membros da Convergência. Outra coisa: essa história de gostar de homem só por causa da masculinidade é bem coisa de bicha reacionária, sexista e antiga, não acha? Aliás, o termo "boko-moko" já faz tempo que caiu em desuso. Pode Pode espernear à vontade: o Trevisan escreverá sobre o que quiser, querida, inclusive sobre política. Depois, ele não é tão hediondo assim. Tem muita gente que gosta não só da cuca mas também do visual dele. Obrigada.

Notícias do Maranhão

Amigos: antes de tudo quero parabenizá-los pela publicação desse jornal maravilhoso, que nos dá uma pá de informações incríveis! Aqui no Maranhão, muita gente não sabe da existência desse jornal (eu mesmo não o conhecia; graças à amizade que tenho com uma pessoa residente aí é que ele me chegou às mãos junto com Peteca, Correio de Copacabana, etc.).

Gostaria de falar-lhe um pouco sobre a minha cidade. São Luís do Maranhão é uma cidade de 400 mil habitantes, cercada de praias maravilhosas por todos os lados. Fundada por franceses, colonizada por portugueses, herdamos desses últimos sua arquitetura, onde os sobradões de azulejos são uma constante por quase todas as ruas centrais da cidade.

Agora vamos ao assunto que me levou a escrever para vocês: São Luís é uma cidade que possui todos os problemas de cidades grandes e, o que é pior, das provincianas. De alguns anos para cá ela tomou "ares" de independência e procurou soltar suas "plumas".

Eu não sou um guei assumido, porém tenho muitos amigos gueis; por força das circunstâncias, temos que viver como heteros para preservar nossa moral. Na periferia da cidade existe um dancing com o duvidoso nome de "Pop's Bar", onde a comunidade guei da ilha se reúne para bater papo e "travoltear" um pouco. A casa é uma espelunca. Como não temos opção melhor, somos obrigados a freqüentá-la. Outro problema seríssimo é saber como e onde fazer. A solução adotada foi "comungarmos" junto com casais heteros as mesmas casas de encontros (chatos).

Tony
São Luís do Maranhão

Faça de LAMPIÃO da Esquina o seu jornal. Assine agora.

Desejo receber uma assinatura anual de LAMPIÃO da Esquina ao preço de Cr$ 180

Nome ______

Endereço ______

CEP ______ Cidade ______ Estado ______

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031 — Santa Teresa — Rio de Janeiro-RJ, CEP 20241

APPAD associação paranaense da parada da diversidade

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

GRUPODIGNIDADE

LITERATURA

A hora do amor

Cassandra Rios

O texto abaixo foi escolhido pela própria Cassandra Rios para figurar na página de literatura de LAMPIÃO. Ela o retirou das provas de seu novo livro, um romance intitulado A Santa Vaca, que será lançado nos próximos dias

Ah! É amor! É algo misterioso. Um sentimento muito forte que está,apesar de ser a capacidade maior do ser humano, sendo estraçalhado pela própria descrença, e maldade humana.

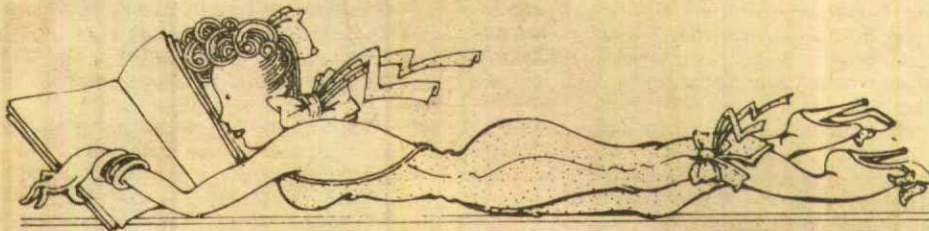
Amor é aquele sentimento possessivo que a gente tem pela pessoa com quem a gente trepa e escolheu para fazer porcarias dando expansão às nossas taras e revelando nossas intimidades. Às vezes penso assim, muito é o que eu penso sempre.

Vejo mais amor nos olhos de um cão, no pássaro cativo que canta na gaiola, no perfume de uma flor, no roçar de um gato em nossas pernas do que nas atitudes do ser humano. Amor. O que é Amor, afinal? A desculpa da obscenidade sexual? Da atração física entre duas pessoas? Da luta pela preponderância de um ser sobre o outro, engolindo-se simultaneamente numa guerra de afinidades e desafinidades ou tentando fundir-se numa só personalidade no condicionamento da vida em comum, para continuarem sempre separados como o vinagre e o óleo, antes e depois do esgotamento físico?

O que é o Amor? Pergunta milenar; o Amor interpretado conforme a conveniência de cada um, definido como afeição profunda, conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual. Destrinchado pelos filósofos como a sublimação da alma, a elevação do espírito, discutido em todas as ciências, religiosas como o gênese da vida. A idéia fundamental de Um Poderoso Rei das Alturas.

. Divago. Só sei que nas minhas pieguices, sofista ou qualquer outra coisa,eu não entendo mais o que há de real ou fantasia no que significa amor conforme sua definição, a minha própria atinge um grau de confusão e alienação total.

Só sei que sozinha entre quatro paredes ou procurando distração em meu apartamento, debruçada na janela, olhando o céu sujo pela poluição (se existirem anjos, os deste lado deverão estar com as asas encardidas), ou assistindo um programa de tevê eu sinto o tédio da ausência de outra pessoa e a necessidade de ter alguém comigo. E a urgência da decisão que devo tomar! Se era o que esperava,por que não? Mas hesito.

Por isso sai. Zanzei. Rodei pelas ruas afastadas do centro. Olhei as ruas, as mansões do Morumbi e acabei estacionando meu volks numa rua qualquer do bairro onde fui parar, no Brooklin ou quase em Santo Amaro, não tive noção exata do lugar.

Fiquei observando as pessoas e em todas vi a expressão do desânimo, do cansaço, da insatisfação; na ansiedade e até mesmo na sombra de um sorriso feliz me pareceu ver a simulação, o engano e a falsidade. Como se ninguém estivesse satisfeito, mas todos fingissem ser felizes. — Por que eu também não agia igual aos outros e fingia ser feliz agarrando tudo o que a sorte me oferecia? Sorri. Forçado sorriso.

Sorriso, o momento que não dura, um trejeito que se desfaz, que se dilui no rosto. A vida me torna fatalista, mas é assim que está sendo a realidade. Uma fatalidade. A calamidade de não se saber o que fazer para viver melhor e ficar em paz consigo mesmo e bem com os outros. É muito difícil coordenar ambas as coisas.

Há sempre um ponto de partida que nem sempre é o início, mas uma passagem que se tornou a razão do desencadeamento de fatos que originam uma idéia e traçam um objetivo, desviando-nos completamente do caminho que seguíamos e mudando os planos que havíamos feito.

Com pouca idade eu já tinha sonhos lúbricos. Sonhava sempre, dormindo ou acordada. Sonhava de olhos abertos, inventando estórias de amor e sexo que sempre tinham uma finalidade, enquanto minhas mãos alisavam meu corpo e meus dedos burilavam os bicos dos meus seios para mastubar-me sequiosa e incapaz de impedir ou frear os impulsos de um desejo mais forte do que a razão.

Ao contrário, eu aguardava as manifestações do meu corpo e entregava-me à pratica do onanismo como o fato mais importante dos meus dias e das minhas noites. Eram sessões seguidas, fantasiosas.

Se andava sorumbática e abatida não era pelos excessos praticados, mas pela insatisfação que provava depois que os sonhos se diluíam em minha mente e eu me encontrava só com minhas mãos sobre meu corpo em vez de ter comigo um outro corpo, pelejando pelo orgasmo.

Há sempre um primo, um vizinho, um coleguinha de escola, com quem quando criança a gente brinca de "casinha" de mamãe-papai e acaba se esfregando um no outro sem conseguir coisa alguma; isso aconteceu comigo mas não marcou nenhum fato importante, ao contrário só me irritou e me fez ver que todos eram imbecis e sem imaginação para o que poderia ser um grande e desfrutável momento de prazer. Pipo, o filho da senhora que morava no apartamento pegado ao nosso quase fez com que descobrissem do que estávamos brincando, ralhento, chorando, rolando pelo chão, dizendo que lhe quebrara o pinto, torcendo-o com força com as minhas pernas desajeitadas.

De medo nunca mais quis brincar com ele, também, que encanto poderia haver naquela coizinha minguada que parecia mais um cachimbinho de pai de santo que eu vira numa sessão de macumba onde minha mãe me levara pra fazer amarração prum cara por quem ela estava gamada.

Num estranho, na voz de um cantor de rádio, no artista de televisão, da telenovela ou do cinema, há sempre um ideal formando-se, o namoro de uma amiga, o amigo do namorado da amiga, o moço da rua paralela à rua onde a gente mora, o cara que passa no carrão, há sempre um homem no caminho da mulher desde os seus primeiros impulsos e emoções da diferença que existe entre o macho e a fêmea, mas eu não via em nenhum a possibilidade de ter o caráter que eu dava ao meu assaltante sexual das horas de masturbação.

Tal homem não existia, eu não o via em parte alguma e o que eu lia em jornais eram barbaridades que não combinavam com as minhas idéias. Os tarados sexuais brasileiros esquartejavam, estrangulavam, barbarizavam, matavam as suas vítimas, queimavam com ponta de cigarros, eram sádicos, agrediam-nas, deixavam-nas em terrenos baldios com a cabeça esfacelada, com marcas de dentadas pelo corpo.

Pelos jornais ficava sabendo dessas selvagerias e temia que o tipo de homem-tarado só existisse mesmo na minha imaginação.

Quando menina não via nos olhares dos meninos sem-vergonha e maliciosos nada de anormal ou de excitante, apenas a vontade de passarem a mão em mim, de me ter se eu cedesse, de fazer alguma coisa comigo se eu os deixasse satisfazer seus desejos, como brincar com meus seios, sugá-los e esfregar seus pênis mal-desenvolvidos em minhas coxas ou até na vulva, nada mais.

Essas experiências eu tive todas, sem graça, sem excitação, acontecendo por que o momento se fazia propício. A gente se via só de repente, ou estudando, ou assistindo televisão, ou tomando lanche, os mais velhos saíam por algum motivo ou iam dormir e então o clima começava a esquentar, conforme os pensamentos, alguma insinuação, um beijo de um filme na tevê, uma conversa, um toque de mãos, um cruzar de pernas, o fato é que brincar de luta livre ou de esconde-esconde a gente acabava se engalfinhando mesmo e roçando até suar e sair ofegante um de cima do outro ao ouvir passos de alguém ou porque de algum modo o menino ficara satisfeito depois de lamber minhas tetinhas, alisar minha vulva e sentir seu membro enrijecer na minha mão ou entre as minhas coxas.

A violência do meu agressor sexual era diferente da selvageria dos tarados falados nos jornais. O meu tarado era apenas obsceno, ardente, fogoso, um animal com seu priapo em fogo querendo meter-se em algum buraco e lá ficar fuçando até cuspir sua fúria em larva para me queimar por dentro com o seu líquido pegajoso.

Esse tipo de tarado obsceno, alienado pelo desejo sexual mais forte do que tudo, capaz de atacar uma mulher só para gozar, só existia mesmo em filme estrangeiro, não existia tal produto nacional.

Sinal de alerta

Nove jornalistas responsáveis pela matéria intitulada "O Poder Homossexual", publicada pela revista Isto É em dezembro, foram chamados pela polícia, no dia 19 de setembro, para ouvir a ata de um inquérito no qual são acusados de fazer "apologia malsã do homossexualismo". Este fato indica uma crescente preocupação do sistema com a questão dos bons costumes, no mesmo momento em que é prometida uma liberalização na área política. Outros indícios desta preocupação também podem ser registrados: a condenação do Dr. Roberto Farina, também em São Paulo, por "lesões corporais", por ter feito uma operação de transexualismo num dos seus pacientes; e o processo contra o jornalista Celso Curi, em que este é acusado de "promover encontros entre anormais". Em todos estes casos as acusações não foram muito claras: os jornalistas teriam deixado transparecer na matéria em questão que "homossexualismo dá status", e o Dr. Farina teria mutilado seu paciente, embora este tenha sido sua principal testemunha de defesa.

A quem interessa esse tipo de repressão? Neste terreno, o Brasil leva uma grande vantagem sobre outros países do mundo, na medida em que não existe, em nenhum dos seus códigos de lei, qualquer restrição ao homossexualismo, desde que praticado por adultos. Por que, se não é crime praticá-lo, pode ser censurável falar sobre o assunto? Talvez porque, no momento atual, seja este o meio mais à mão de manter tranqüilos determinados grupos para os quais a repressão deve obrigatoriamente fazer parte da vida do país. E quando se diz isso não se está falando de fantasmas: o caso dos nove jornalistas de Isto É é sintomático — a reportagem, repetimos, foi publicada há quase um ano —, e o próprio LAMPIÃO da Esquina sofre pressão.

Vale a pena perguntar o que seria esta chamada "apologia do homossexualismo"; falar sobre o tema com dignidade, pondo em questão determinados preconceitos e discriminações existentes? Em que lei está baseada a suposição de que o homossexualismo, por si mesmo, é um atentado à moral? Optar por esta ou aquela forma de prática sexual deve ser tão legítimo quanto adotar esta ou aquela marca de arroz. A livre escolha sexual consta da Declaração Universal dos Direitos do Homem; desconhecê-la em relação aos homossexuais é retirar destes a própria condição de seres humanos; e é bom lembrar que há uma diferença fundamental entre bicha e bicho — e estes também têm os seus direitos. (E não estamos pondo fora da discussão as mulheres homossexuais)

Dizem que a primavera está chegando nesse país, mas a impressão é que nós cidadãos estamos fazendo parte de um jogo no qual somos as cartas e não os jogadores. Seria apenas uma impressão? As promessas vão e voltam? Foi dentro desse contexto de promessas que também surgiu LAMPIÃO da Esquina, um jornal que busca a participação de minorias, até então esquecidas, no processo nacional. Isso através de uma discussão tão ampla, que não deixe de lado o que normalmente as pessoas ditas sérias consideram secundário: a questão sexual. LAMPIÃO da Esquina é, portanto, um esforço positivo de participação ampla, democrática, integral, com direito ao seu próprio espaço. Por isso manifestamos nossa preocupação com os fatos acima relatados e pedimos que se mantenham atentos para eles todos os que acreditam nas práticas democráticas.

• O Conselho Editorial

APPAD associação paranaense da parada da diversidade
Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott
GRUPODIGNIDADE